



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

LUIZ DANIEL DA SILVA FILHO

A SECA DO NORDESTE NA VOZ DE LUIZ GONZAGA

JOÃO PESSOA/PB

2014

LUIZ DANIEL DA SILVA FILHO

A SECA DO NORDESTE NA VOZ DE LUIZ GONZAGA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Professora Mestra Alcilene da Costa Andrade

JOÃO PESSOA/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586s Silva Filho, Luiz Daniel da

A Seca do Nordeste na Voz de Luiz Gonzaga [manuscrito] : /
Luiz Daniel da Silva Filho. - 2014.

59 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Alcilene da Costa Andrade,
Departamento de Serviço Social".

1. Educação no campo. 2. Música. 3. Seca. I. Título.

21. ed. CDD 370.11

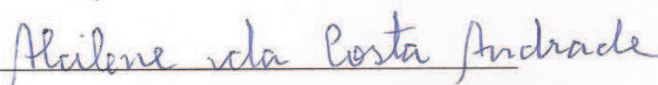
LUIZ DANIEL DA SILVA FILHO

A SECA DO NORDESTE NA VOZ DE LUIZ GONZAGA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

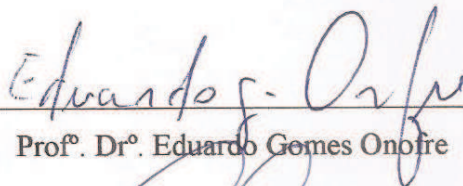
Aprovado em

19 de julho de 2014



Prof.^a Ma. Alcilene da Costa Andrade

Orientadora



Prof.^o Dr.^o Eduardo Gomes Onofre


Prof.^a Dra. Ingrid Farias Fechine Oliveira

DEDICATÓRIA

A meu pai, Luiz Daniel (*in memória*), e a minha mãe, Maria Dionízia, que são nordestinos, e como tantos me deram pouco do mundo material, mas transmitiram valores éticos que jamais irei esquecer, e a meus filhos Netinho, Léo, Thiago e Luana, frutos de uma vida de lutas e desafios.

AGRADECIMENTO

A minha esposa Maria José, por seu companheirismo, que soma todos os dias boas lembranças na minha vida. Mais do que uma professora, é uma ativista educacional.

A minha orientadora Alcilene Andrade, mestra de valor, construtora de uma história em prol da educação.

Aos mestres da UEPB: Lígia Freitas, Maria José Oliveira, Maria do Carmo Eulária, Ingrid Fechini e Eduardo Onofre, que me transmitiram saberes de incalculável valor.

A toda equipe da EAD, que me fizeram despertar para um mundo virtual, composto de ensinamentos reais e atualizado.

A equipe das Algarobas: Luiz Cláudio, Luciene Leal, Luciene Meireles e Márcia Gomes, que ouviram minhas dúvidas e colaboraram com meus acertos, a todos os colegas de sala dessa especialização.

“Se não há temor ao demônio, não é necessário haver Deus” (O Nome da Rosa, 1986)

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo analisar nas letras de músicas de Luiz Gonzaga, os aspectos da religiosidade e de resistência do povo nordestino através da seca. Como marco teórico está apoiado, principalmente, em Caldart (2002), Brandão (2012), Fontelles (2012) e Queiroga (2012). Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, tendo como técnica de análise o método da análise de conteúdo que nos permite identificar a figura de Luiz Gonzaga como um mito para a população nordestina, um agente político que denunciou os problemas que afligem ainda hoje o Nordeste e a importância da Educação do Campo no currículo escolar como elemento de fortalecimento da identidade do povo que vive no/do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Gonzaga. Música. Seca. Mito. Campo.

ABSTRACT: This work aims to analyze the lyrics of Luiz Gonzaga, the aspects of religiosity and strength of the northeastern people through the drought. As a theoretical framework is

supported primarily in Caldart (2002), Brandão (2012), Fontelles (2012) and Queiroga (2012). This is a study of a qualitative nature, with the technical analysis method of content analysis that allows us to identify the figure of Luiz Gonzaga as a myth for the Northeastern population, a political agent who reported the problems that plague today's northeast and the importance of Rural Education in the school curriculum as part of strengthening the identity of the people who live in countryside.

KEYWORDS: Gonzaga. Music. Drought. Myth. Countryside.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Ilustração 1 – Quadro Os retirantes – Cândido Portinari | 24 |
|---|----|

LISTA DE FOTOS

| | |
|--|----|
| Foto 1 - Arquivo pessoal..... | 16 |
| Foto 2 - Arquivo pessoal..... | 16 |
| Foto 3 - Trecho da obra de transposição do Rio São Francisco | 19 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------------|----|
| DNOCS | 19 |
| EJA | 16 |
| IDH | 15 |
| MPB..... | 12 |
| ONU..... | 17 |
| PIB | 16 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 A SECA DO NORDESTE | 15 |
| 2.1 Êxodo Rural | 20 |
| 2.2 Educação do Campo | 27 |
| 2.3 Mito e Religiosidade | 32 |
| 2.4 Música Religiosidade | 37 |
| 3 A MÚSICA DE GONZAGA E A SECA NORDESTINA | 41 |
| 3.1 O Processo Metodológico | 48 |
| 3.2 Analisando as letras das músicas cantadas por Luiz Gonzaga | 49 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 58 |

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos um estudo sobre a Seca da Região Nordeste do Brasil, é impossível não relacioná-lo às músicas cantadas por Luiz Gonzaga. A obra musical gonzaguiana transcende a sabedoria popular brasileira, em especial a nordestina, e desafia o intelecto mais apurado das ciências sociais, configurando-se em um *notório saber* acadêmico. Expressão que tem sido usada pelas universidades brasileiras para qualificar o professor que não cursou doutorado e que, por esse motivo, não tem a titulação para exercer a função, mas que possui conhecimentos artísticos equivalentes. Gonzagão não foi enquadrado em uma universidade para lecionar música regional, mas inúmeros artistas consagrados da nossa MPB, como é o caso de Chico César, Zé Ramalho, Raimundo Fagner, Alceu Valença e outros fazem questão de dizer que aprenderam com seu Luiz Rei do Baião, assim como é, carinhosamente, chamado até hoje por seguidores de sua obra.

Esse projeto qualitativo prontifica-se a ser um método para a sala de aula, especialmente para as séries de 6º ano, 2ª série do ensino médio e em cursos acadêmicos de Geografia, faz um paralelo entre a obra do rei e as questões geográficas que explicam e mistificam a seca da região Nordeste do Brasil. Busca nos fatos históricos a explicação para ao flagelo da população acometida pela seca e denuncia a política de discriminação que sempre o povo nordestino sofreu e ainda sofre na contemporaneidade. Sobretudo quando se trata de participar da divisão das riquezas do país. Gonzaga nunca se fez de rogado com a situação dos seus irmãos nordestina, sempre manteve os costumes que o identificava como homem do campo, nordestino sonhador.

Seria Luiz Gonzaga dotado de uma espiritualidade mística? Que aflora em personagens que marcam a história da humanidade como o compositor clássico Ludwig Van Beethoven, músico alemão que no final do século XVIII, início do XIX, consagrou a música como ciência acadêmica, encantou e embalou o erudito no cotidiano dos pensadores e formadores do mundo artístico. Beethoven após ficar surdo, continuou compondo suas óperas, um testemunho na natividade da arte musical como ciência.

Luiz Gonzaga após sair do Sertão nordestino sem cobres, quebrado, consegue alcançar o estrelato em todo país, que tinha e tem uma visão pejorativa com os filhos dessa região. Com a destinação de um mito, entoou sua sanfona para animar e defender seu povo, que ele sempre chamava de bravo.

De acordo com Eco (2012, pág. 27), a figura mística se agiganta em relação aos semelhantes naturais e normais, pela sua feição, modo de agir e especialmente, pela maneira de executar seu legado, como se não fosse preciso um esforço humano para isso, suas ações, então, seriam sobrenaturais. Embora Luiz Gonzaga carregasse consigo a figura matuta ou pitoresca do sertanejo, sabia com sapiência declamar em suas canções diversos temas relacionados à política, ecologia, cotidiano e especialmente a Seca do Nordeste do Brasil.

Gonzaga, de posse da sanfona, seguiu para o Rio de Janeiro, onde passou a tocar na Zona do Mangue, o chamado Baixo Meretrício, no Bar do Espanhol. Persistente, após algumas participações como calouro no programa de Ary Barroso, conseguiu ser contratado pela Rádio Nacional e pela RCA Victor. Gravou seu primeiro disco em 1941, com a faixa intitulada *Vira e Mexe*, eminentemente instrumental. No início da carreira, a gravadora lhe restringe a qualidade de instrumentista, só permitindo a gravação com voz por volta do ano de 1945, com a música *Dança da Mariquinha*. Naquele mesmo ano conheceu seu primeiro grande parceiro, Humberto Teixeira. Começa então definitivamente o lado regional de sua música. Surge o baião, as músicas Asa Branca, Assum Preto e tantas outras. No ano de 1949, Luiz Gonzaga conheceu seu segundo grande parceiro, Zé Dantas. Inicia-se a fase de protestos no âmbito da obra gonzaguiana, justamente através da música *Vozes da Seca*, que para muitos, vale mais do que cem discursos de político. Essa fase foi de grande importância. Ele mesmo dizia que Zé Dantas era o verdadeiro cheiro do bode, isso numa referência às músicas que tinham conteúdo que espelhava com fidelidade a cultura do povo nordestino.

Consagrado, torna-se o Rei do Baião. Sua obra constitui importante fonte de pesquisa para quem deseja conhecer a verdadeira história do Nordeste e de seu povo. Duas teses de Doutorado, uma em Liverpool, outra em Oxford, já foram defendidas, tendo como base a vida e obra do Rei do Baião, respectivamente pelas professoras Elba Braga, cearense de Limoeiro do Norte e Sulamita, também cearense. (QUEIROGA, *Baião em Crônicas* 2012, p. 47)

A citação de Onaldo Queiroga faz referência às primeiras músicas de Luiz Gonzaga, que teve como inspiração o sofrimento do povo nordestino, acometido por um fenômeno natural a seca, além de flagelado pela política discriminatória dos governos do Brasil. A seca, enquanto fenômeno geográfico é causado pelas baixas latitudes e pela depressão sertaneja que se apresenta oposta à encosta barlavento do Planalto da Borborema, essa encosta eleva as massas de ar frias oriundas do litoral, topografia típica do interior da Região Nordeste. Já o flagelo da seca é uma questão política e social, que provoca o fenômeno demográfico do Êxodo Rural. O nordestino, renegado a segundo plano na pauta das decisões governamentais, apela para sua religiosidade, clama e reclama “*A Deus do céu, ai, porque tamanha judiação*”.¹ Esses fatos e fenômenos são claramente citados nas letras de músicas cantadas por Luiz Gonzaga, como: Triste Partida, Asa Branca e Súplica Cearense.

Verificando esse contexto, cabe-nos ressaltar a necessidade de expandir cada vez mais uma Educação do Campo, capaz de formar o homem para enfrentar os desafios de viver na adversidade e construir sua cidadania. Essa educação é pautada na metodologia de que o homem seja sujeito na construção da escola e de sua formação, passando de receptor de sabedorias que lhe são impostas, para produtor de seu espaço com respeito a sua cultura campestre.

A realização desse estudo foi motivada por um projeto desenvolvido em sala de aula com uma turma de 2º ano da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) em uma escola estadual da Paraíba e, pela disciplina de Educação do Campo estudada nesta especialização.

Constata-se que os jovens contemporâneos, e até adultos de pouca idade, são condicionados a ouvirem músicas aculturadas e despolitizadas, sem melodia afinada e ainda pior, composta de letras que mais parecem um amontoado de futilidades, que infelizmente, são divulgadas por algumas rádios e programas televisivos melodramáticos, de grotesca

¹ Trecho da música Asa Branca – letra de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, composta em 3 de março de 1947.

apelação popular. Classificadas por ARIANO SUASSUNA de “lixo cultural”, e por CHICO CÉSAR de “fórró de plástico”, coisa que se usa uma só vez, joga-se fora, mas que ficam anos e anos prejudicando o “meio da mente”. Responsável pela deformação da estrutura psíquica dos jovens. Foi necessária uma estratégia sutil para implantar no gosto musical desses alunos um repertório pautado por conteúdo cultural. Foram elaboradas aulas diversificadas com cópias de letras das músicas, cantorias e até encenação caracterizada com os trajes mitológicos de Rei do Baião. Esse método pedagógico que foge do enfadonho – quadro e giz – motivou o interesse dos discentes da turma pelas músicas que abordam os valores e temores do nosso povo, que revelam as nossas vitórias e tragédias e fazem críticas baseadas nas reais condições de vida do povo. Canções que desnudam as mazelas sociais ofuscadas pelo discurso vazio de uma classe dominante, com visão escravocrata, que na verdade é fruto de um sistema capitalista desfrutável. Em *O nome da rosa*, por exemplo, UMBERTO ECO relata: a comédia faz parte da vida humana e não tira a seriedade das pessoas. A problemática em desenvolver um processo ensino-aprendizagem com o uso de músicas de Luiz Gonzaga e Chico Buarque, especialmente entre os estudantes das escolas públicas da Paraíba, é um grande desafio, sem nenhum demérito, satirizamos a questão: *Como fazer os jovens gostarem da Asa Branca se eles curtem Calcinha Preta?*

Nesse contexto, podemos, acertadamente, dizer que esse contingente juvenil desnorteado, que não aprecia a boa e construtiva arte, é fruto, em sua maioria, da carência de políticas sociais voltadas para o desenvolvimento familiar. Hoje assistimos atônitos, os esfacelamentos da célula mátria de qualquer sociedade, que é a família. Afetada em seu lar por uma desconstrução social e cultural, que rouba a afetividade propícia aos seus membros dentro das faixas etárias de gerações. Vão se somando pequenos detalhes negativos, como gosto musical sem cultura, apenas embalado pela bagunceira insana, que inicialmente parecem inofensivas, mas vão deixando acúmulos que formarão a personalidade desses indivíduos.

Evidentemente que a análise das músicas de Luiz Gonzaga nos revela uma realidade em que vive uma parte da população brasileira, que pode e deve ser tratada igualmente pelo governa federal. As denúncias feitas nas letras das músicas conta histórias reais de tristezas e penúria de um Nordeste assolado por um fenômeno natural, ainda abandoando frentes à outras questões sociais mais presentes na agenda governamental desse país.

2 A SECA DO NORDESTE

Historicamente, as questões que envolvem a Seca do Nordeste do Brasil remontam à colonização portuguesa, e se arrastam até a contemporaneidade. No ano de 2013, notícias dão conta de que tivemos a maior seca da história da região, com a perda de rebanhos bovinos, lavoura e até vidas humanas. Provando e comprovando a míngua de projetos e políticas sérias e eficazes para qualificar uma população de aproximadamente 11 milhões de pessoas, que vivem no interior nordestino, a produzirem em atividades econômicas e sociais adequadas para essa parte do território brasileiro. Verifica-se, porém, que a inoperância governamental nos remete a exclamar: *da venda da Coroa Imperial à Transposição do Rio São Francisco, só quem entrou pelo cano fomos nós*.

A região do Polígono das Secas é caracterizada geograficamente por quatro compostos: o clima Semiárido (quente e seco - quase desértico), a baixa pluviosidade, o solo desnutrido e o bioma da caatinga, vegetação xerófila que juntos formam um habitat para uma pobre fauna.

Relevante, porém, é o subdesenvolvimento profundo estampado na região, a pobreza norteia os índices mais baixos do IDH² nacional, nesse caso, o interior do Nordeste se coloca como um bolsão de miséria quase absoluta, envolvendo 85% dos habitantes desse território que chega a ser maior do que a área territorial de alguns países da Europa. Situação essa que joga para baixo, qualquer discurso de governantes na intenção de propagar a realização de políticas públicas direcionadas a, pelo menos, amenizar a calamidade social exposta pela seca. Vale salientar ainda, que quando se apuram índices como alfabetização e saneamento básico, o interior nordestino está classificado equiparado a países paupérrimos como a Etiópia, encontrado no deserto do Saara no norte da África, região mais desprovida de recursos financeiros e sociais de todo planeta.

Alguns estudos de pesquisa, artigos e teses apontam a seca como a grande responsável pelo flagelo do povo que habita o interior nordestino, vendo por essa ótica, políticos fazem campanhas oportunas para arrecadar recursos federais a fim de sanar o imediato problema com medidas paliativas. Na verdade, são os grupos organizados que comandam e exploram a produção, os recursos minerais e as verbas públicas, construindo a “Indústria da Seca” que

² Índice de Desenvolvimento Humano

renega grande parte da população a patamares vergonhosos de indignação. Pode-se afirmar com base em fatos e relatos, que o flagelo da seca é uma orquestração de antigas e atuais oligarquias que têm o poder político e econômico regional.

As últimas secas do Sertão nordestino têm ultrapassado a área definida em 1951 como o “polígono das Secas”, pois esta não inclui municípios na parte sul e leste do Maranhão. É fato conhecido que, desde as primeiras secas registradas na época colonial até hoje, a área de abrangência desse fenômeno climático se expandiu. Isso foi uma decorrência de desmatamento e da falta de uma política adequada de combate às secas e de convívio com ela. As políticas tradicionais de construção de açudes ou distribuição de verbas aos prefeitos locais nas épocas de seca, na realidade, possuem mais interesses eleitorais (manter os prefeitos na dependência do partido no poder) ou empresariais (beneficiar certos fazendeiros ou empresários locais ou regionais). Trata-se mais de uma “indústria (lucrativa para alguns) da seca”, e não de uma política de controle das secas ou de ajuda aos flagelados. (VESENTINI, 1999, p. 317)

Vesentini corrobora com a formação da tese de que a seca é um fenômeno natural geográfico. E que o flagelo da seca é uma questão de ordem política, social e econômica. Trazendo a esse contexto a sabedoria notória de Luiz Gonzaga que exclama ao dizer: *e vende seu burro, jumento e o cavalo, até mesmo o galo vendeu também, pois logo aparece um feliz fazendeiro, por pouco dinheiro lhe compra o que tem*³.

A forma de combate aos efeitos da seca no interior do Nordeste tem sido feita de maneira rudimentar, muitas vezes com frentes de emergência, com características de “semiescraavidão”, onde os trabalhadores são pessoas atingidas pela estiagem, que geralmente, com o desaquecimento da já tão fraca economia local, ficam desempregados e são submetidos a um regime de trabalho estafante, minimamente remunerado, sem registro ou qualquer tipo de indenização trabalhista, isso tudo não seria tão escandaloso, se não tivesse a tutela do governo federal do país que tem o 6º PIB do mundo. Como bem retrata a foto 1, de um açude seco, no município de Soledade – PB, que provavelmente seria o sustentáculo de abastecimento com água e até produção de pescados de uma pequena propriedade rural.



Foto 2 - Arquivo pessoal

Nessas condições, obviamente, tornou-se impossível a permanência de seus proprietários e demais moradores no local, constatado na foto 2, demonstrando uma moradia abandonada. Fatos comprovados através de uma visita de campo realizada por estudantes da modalidade EJA – Ensino Médio – de uma escola pública estadual da Paraíba, em 2012, em atividade do projeto Mestre de Valor⁴.

Evidentemente que, com o uso de uma tecnologia adequada para a região, acompanhamento de engenharia agrícola e a construção de reservatórios viáveis,



Foto 1 - Arquivo pessoal

ra de Patativa do Assaré
estudar a Seca do Nordeste através da interpretação de letras de músicas
premiado no Projeto Mestre de Valor promovido pela Secretaria de

provavelmente reduziriam cenas tão tristes como essa. É pertinente citar que esse cenário da lástima do homem do campo nordestino já serviu como inspiração para tema de livros, que depois foram adaptados para o cinema, como é o caso de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Toda essa literatura, toda essa dramaturgia estaria sendo divulgada como forma de denúncia e protesto? Ou estaria buscando na situação precária desse povo um drama que gerasse um apelo na aceitação popular de suas obras? No primeiro caso, os autores das respectivas obras apresentam verossimilhança com a situação, de fato, vivida pelo povo sertanejo – castigado pela seca, levando ao conhecimento da nação o estado de calamidade de milhões de brasileiros do Nordeste do país. No segundo caso, os enredos publicados não trouxeram melhorias esperadas para a região, como se constata na atualidade. Apenas passaram a ser algo de análises literárias e filosóficas nas academias, gerando também um sentimento de piedade e comoção no público leitor. No entanto, esse mesmo público leitor jamais se manifestou com ações concretas para reverter o quadro infame explorado pelos literários.

As constantes e longas estiagens, somadas ao desmatamento do bioma da Caatinga feito pela população que habita essa região, para extrair madeira que servirá para cozinhar em fogões a lenha, o que é um hábito tradicional das moradias, mesmo nas pequenas cidades onde as casas, em sua maioria possuem fogão a gás, usam também o a lenha. Tem provocado um acentuado desgaste e enfraquecimento do solo, vão surgindo às erosões e ravinamento que aumenta a cada dia, iniciando um já constatado processo de desertificação, ou seja, o homem vai abandonando suas terras que não dão mais frutos para o sustento de sua família, e migra sem promessa e sem destino para os grandes centros urbanos, onde se chocará com outra realidade e outra cultura, quem dera às vezes ainda mais dura para sua sobrevivência.

Para Sant'Ana (2006), a seca acontece naturalmente. A desertificação, não: geralmente é provocada por eventos provocados pelo homem aliados aos fatores climáticos. E o que acontecem numa região onde os dois fenômenos se encontram? Com a desertificação, muito rapidamente cairão a produtividade e a renda das famílias e assistiremos uma nova onda de problemas sociais – pobreza e desigualdade, migrações, violência. Milhões investidos serão perdidos.

Sant'Ana (2006) explica ainda que, a desertificação é por definição da convenção da ONU⁵, a degradação da terra nas zonas áridas e subúmidas secas, resultante de vários fatores incluindo a variação climática e as atividades humanas. No caso brasileiro, o principal fator é a erosão do solo que se segue do desmatamento e ainda a salinização de poucas áreas irrigadas, e que a concretização dessa enorme área do nosso território em um deserto, será uma enorme perda, não só para o Nordeste, mas para todo país.

Sabemos também que, essa desertificação, constatada nos últimos censos demográficos, torna ainda mais difícil transformar o sertão nordestino em uma área de produção agropecuária, atividade econômica que foi implantada neste local sem o uso de tecnologias agrícola e pecuarista, questão polêmica, que até hoje não se explica bem, nem mesmo os maiores estudiosos dos sertões, como o economista Celso Furtado define com precisão. Por que ao longo da conturbada colonização do Nordeste do Brasil, se implantou em

⁵ Organização das Nações Unidas.

uma região semiárida, uma atividade que requer solo fértil e muita água? Furtado (1989, p. 22-23) ressalta:

A população não dispunha de tradição agrícola, sendo insignificante seu patrimônio tecnológico [...]. As fazendas e áreas mais áridas não contaram com um estoque inicial de técnicas agrícolas e sendo uma constelação de minifúndios, sem nenhuma capacidade de acumulação [...] fechou todas as portas para o investimento no fator humano, o que explica sua estagnação secular [...]. A passividade da população, sua inaptidão para organizar-se na ação política, seu profundo sentimento de insegurança, levando-a a buscar segurança, contribuíram para implantar o imobilismo social e a estagnação econômica. A rígida hierarquia social e o monopólio da informação em mãos de poucos explicam a arrogância e o autoritarismo da classe dirigente. Assim, o econômico, o social e o político se entrelaçam para formar o duro cimento em que se alicerçou o subdesenvolvimento do Nordeste. (Furtado, 1989, p. 22-23)

Nessa direção, o referido autor também se contrapôs aos argumentos de que a pobreza e a miséria do povo nordestino eram de caráter natural, que eram frutos da seca da região e que pouco se podia fazer para minimizar a dor desse povo. Sempre afirmou-se que esse quadro era consequência de uma formação colonial, que historicamente foi marcada pelo modelo agrário dos latifúndios, que renegavam uma grande parcela de pequenos agricultores sem condições de construir em suas terras grandes reservatórios hídricos e um sistema de irrigação que distribuisse a água para a lavoura, isso só era possível aos poucos e grandes produtores, que tinham ligações políticas com o governo central do país. Foi nesse quadro social e político que surgiu a figura dos “coronéis”, patenteados simbolicamente pelo seu poder de mandar e comandar “os votos” da região. O autor ainda coloca que o subdesenvolvimento do interior do Nordeste é uma questão crônica, traçada por fatos históricos, que teve início com as Capitânicas Hereditárias, durante a colonização portuguesa nas “terras brasilis”. Essa distribuição de terras serviu para satisfazer os leais seguidores da coroa, nunca teve o caráter de uma colonização de povoamento, sempre rumou pelo modelo latino de exploração, feita sem compromisso de desenvolvimento para as gerações futuras. Por isso, a solução para transformar o interior nordestino em uma área de considerada produtividade agropecuária ultrapassa as atitudes burocráticas de nossos governantes.

Hoje, com o avanço tecnológico que cada vez mais é exigido pelo **mercado global**⁶ de produção, a região amarga a perda de capacidade de concorrência com outros centros produtores do país, mesmo os produtos oriundos além das fronteiras do Polígono das Secas, como é o caso da indústria agro açucareira da Zona da Mata Nordestina, que já foi a maior produtora do país e hoje sua produtividade é inferior a da região Sudeste, fato que até pouco tempo, não se pensava que iria ocorrer. No entanto, não é louvável apenas citar e

⁶ A globalização abriu um enorme mercado para as exportações dos produtos agropecuários brasileiros, que é um dos maiores exportadores do mundo, quicá o maior. Esses mercados, por sua vez, exigem padrões de qualidade rigorosos, tanto na formação genética do produto, controle de pragas e na sua estrutura física aparente do produto final. Nesse contexto, os produtos produzidos no Nordeste, em sua maioria, não se equivalem aos de outras regiões do país, dotadas de solo férteis, altos índices pluviométricos e uma tecnologia avançada. Ficando assim a região com uma finíssima fatia na circulação de mercadorias em todo mundo, nesse fermentado bolo do sistema capitalista, ao qual estamos submetidos.

lamentar as mazelas que afligem o povo nordestino, porque isso já aconteceu centenas de vezes, de diversas formas, até mesmo em artigos e monografias de pós-graduação. É necessário propor ações cabíveis e reais, que venham, de fato, implantar um sistema produtivo de desenvolvimento para o Nordeste, especialmente na região semiárida. Já se tentou até bombardear as nuvens para fazer chover no interior do Nordeste, operação desastrosa passível de chacota e de resultado previamente negativo na visão de geógrafos e outros estudiosos das ciências naturais.

A criação do DNOCS (Departamento Nacional de Combate à Seca) foi outro grande equívoco, no seu nascedouro já veio controvertido quanto à expressão “combate à seca”, teria que ter um departamento que combatesse a exploração do homem do campo atingido pela seca. Outro projeto inoperante para o Nordeste é a faraônica obra de transposição do Rio São Francisco, que, ao longo de uma década, já consumiu bilhões de reais sem que uma gota de água chegasse ao consumo do agricultor e da população, é flagrante o descaso, mesmo antes de funcionar, alguns trechos da construção do canal da pretensa transposição, já se encontram em ruínas. Essas obras e ações de palanques nunca foram aprovadas pelos centros acadêmicos de estudos afins, foram sempre pretensões políticas de fachadas para trazer no rastro da miséria os falsos heróis mandatários desse país. Restando ao sertanejo abandonar seu torrão e voar, voar sem que a mãe natureza aponte o caminho a ser seguido, como faz a *Asa Branca*, que quando voa do chão rachado dos açudes secos, tem o instinto de encontrar água e comida em outro local. O retirante não, segue sem tino e sem destino para em terras alheias vagar.

Enfocamos que essas ações devem ter início com a expansão do projeto, já iniciado, de uma *Educação do Campo*, a partir de amplas ações federalizadas do ensino básico ao superior sem o caráter emergencial ou temporário, que seja um plano político pedagógico efetivo, capaz de formar e informar a população para uma postura cidadã,

que mudaria os conceitos históricos de dominação que sempre arraigou a cultura desse lugar. Pois fatos negativos que afetam uma nação, só mudam com uma nova história, onde o povo seja o principal ator desse novo cenário. Dessa forma partiríamos para um revés desse modelo arcaico que ainda insiste em prevalecer.

É evidente que tal fenômeno natural sobre uma população, e ainda mais a falta de uma política social pública voltada para resolver esse problema, iriam gerar consequências de grave prejuízo às pessoas atingidas, ou obriga-las a tomarem novos rumos de vida e destinos não previstos para a normalidade de suas vidas, Luiz Gonzaga enfatiza muito esse quadro em suas músicas. Em *A Triste Partida* cita: *chegaram em São Paulo sem cobres quebrados / o pobre acanhado procura o patrão / só ver cara estranha / ver estranha gente / tudo é diferente da caro torrão*. É o relato fiel do sertanejo quando chega na cidade grande. Caracterizando o fenômeno demográfico do êxodo rural, que especificamente na região Nordeste do Brasil tem causas e efeitos diretamente ligados à seca nordestina.



Foto 3 - Trecho da obra de transposição do Rio São Francisco

2.1 Êxodo Rural

Entendemos que o êxodo rural não é apenas a saída do homem do campo para a cidade, pois essa migração interna envolve questões de ordem política, econômica, social e demográfica, temos que separar e, ao mesmo tempo, relacionar as causas da saída e as consequências da chegada. O homem passa por dois processos no contexto desse movimento populacional, ele é imigrante e se torna emigrante sem que haja uma preparação estrutural para ambas as etapas. Notadamente, observa-se que esse deslocamento acontece sempre forçado por adversidades. É um caminho sem luz em direção à uma pousada sem teto, que se agrava quando envolve toda uma família.

O ambiente árido com sua realidade mórbida de miséria e abandono, comparado com grandes centros urbanos de utópico sonho dourado, funciona na cabeça do homem do sertão como uma fronteira entre o subdesenvolvimento latente e o desenvolvimento, que na realidade é aparente, e a fatídica viagem seria transpor barreiras entre o mal e o bem no imaginário do retirante. Na verdade, ele já receia que a cidade não é um “rio perene”, mas as condições atuais em suas terras, lhe condenam a um futuro desprovido de garantidas para melhorar sua condição de vida, mesmo assim, segue em retirada.

Entretanto verificamos que não é a seca do sertão nordestino o único motivo responsável por esse deslocamento de pessoas. As novas tecnologias implantadas nas áreas de favoráveis níveis de produção acarretam a diminuição do uso da mão de obra dos sertanejos, que não dominam técnicas como preparação do solo, aumento da produtividade e não dispõem de uma infraestrutura básica de transporte para escoar sua produção. Mesmo no semiárido nordestino, algumas áreas providas de recursos hídricos, equipamentos de irrigação, que gerem uma boa produção, vão se isolando do contingente nativo da região. Desse modo, a questão das migrações campo/cidade se torna mais complexas, que não é causado apenas por um fenômeno natural geográfico local, mas também, por um modelo de desenvolvimento agrícola que não relaciona a desejada produção em escala industrial, com os aspectos sociais das populações locais. Por esse motivo, esses projetos isolados de produção vão ficando obsoletos.

Hoje apesar das dificuldades de se gerir uma produção agropecuária no semiárido nordestino, já se constata ações do agronegócio em pontos isolados da região, o que podemos chamar de oásis⁷ do meu sertão, esse modelo de exploração da terra não condiz com a necessidade do homem do campo nordestino, pois traz em seus objetivos empresariais mais exploração e menos socialização da produção rural e, ainda executa uma rotatividade na mão de obra, não gerando vínculos empregatícios com os trabalhadores, devido seu período de plantação e criação, como também a colheita e o abate da produção serem sazonais, logo após o término dessas fases os trabalhadores são dispensados pelas empresas do agronegócio, o que

⁷ Pequena concentração de vegetação com a presença de água encravada numa grande área deserta, nesse caso, deserto arenoso de temperatura altíssima durante o dia.

não resolve o problema do homem do campo. Até mesmo porque, essas empresas se utilizam de uma tecnologia avançada de maquinários que evita a contratação de uma grande quantidade de trabalhadores, grande parte são, na verdade, substituídos pelas máquinas, é o chamado desemprego estrutural do campo, um dos motivos das inúmeras levas de camponeses vagando nas estradas do país.

As empresas especialmente agrícolas devem fortalecer economicamente os povoados circunvizinhos para evitar a total exportação de seus produtos, o que acarreta uma elevação na relação custo/benefício, podendo provocar a inviabilidade de alguns empreendimentos rurais. Esse tipo de empreendimento não é adequado para o que pretendemos para o interior do Nordeste. Não iremos transformar uma região que historicamente o trabalhador sempre foi explorado, com mega projetos do agronegócio.

O êxodo rural proporciona à humanidade a força de trabalho necessária para satisfazer incessantemente novas necessidades da população. Longe pois de se apresentar como um fenômeno patológico.(...) É nesse sentido de elemento de transformação estrutural que o problema do êxodo rural enquadra-se perfeitamente no processo geral de desenvolvimento econômico. Transformação estrutural na significação do deslocamento de proporção: proporção entre a população rural e a população total, entre a população empregada na atividade primária e a população economicamente ativa, etc. Proporções altamente representativas do nível de desenvolvimento atingido pelas nacionais ou regionais nas suas fases mais características. Coloca-se o Brasil entre os chamados “países subdesenvolvidos” ou “países periféricos”, com sua economia em fase de industrialização, apenas iniciadas em algumas regiões e adiantadas em outras, mostra-se aí com ponderável intensidade o deslocamento interno de parte da sua população das zonas rurais para as zonas urbanas. (...) Quer em causas ou em suas consequências, esse deslocamento demográfico apresenta aspectos favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento econômico e demográfico de um país. (CAMARGO, 1960.p. 28 a 33)

A saída do homem do campo para a cidade é sempre marcada de desafios e dúvidas, pois se trata de uma nova realidade de uma nova cultura da qual ele não está adaptado e, sobretudo, preparado profissionalmente para o novo trabalho desejado, são classificados como braçais, que se aventura nas estradas desconhecidas, é um vazio na sua formação estrutural. Provavelmente, se transformará em um agente propício para a exploração de uma rede urbana capitalista, será um braçal que venderá sua força de trabalho muito barata na disputa injusta entre o capitalismo obcecado pelo lucro e o trabalhador obrigado a sobreviver junto com sua família, na figurada selva de pedra. Na contramão de solucionar os problemas que lhe afetam, vai ajudar a construir o quadro de exclusão montado por uma sociedade contemporânea, mas com visões coloniais.

Ao longo da história, as colônias nunca foram modelo que desse origem ao desenvolvimento sustentado de uma nação, nem para o colonizador, nem tampouco para o espaço colonizado, mesmo sendo uma migração interna entre regiões de um país, estado ou província. Nesse caso, especialmente, a situação se agrava, pois o colono chega a uma terra dominada por um “exército civil” poderoso. Imigrantes já sofreram o que podemos chamar de “xenofobia caseira” dos governantes dos grandes centros, quando lhes induziram a receber passagem para voltar para seu lugar de origem, o que podemos considerar um crime de limpeza social, o que parece confuso, porém é claramente entendido, quando dados oficiais

dos governos classificam as pessoas por classes: alta, média e baixa, com base no que possuem, como se fossem eles os únicos culpados por sua própria condição de indigência.

Na verdade, existe em torno do êxodo rural um controvertido mercado para aquisição de mão de obra barata, é um leilão da força do trabalho humano, que institui uma demanda gigantesca de desocupados para satisfazer a ganância pelo lucro excessivo, especialmente, das empresas ligadas a construção civil, que para ganhar cada vez mais, paga cada vez menos. Para prosseguir na discussão do assunto em pauta, convocamos o mito Luiz Gonzaga dizendo que o homem “trabalha um ano, dois anos e mais anos, e sempre nos planos de um dia voltar, mas nunca ele pode, só vive devendo e assim vai sofrendo, é sofrer sem parar”⁸.

Ainda sobre êxodo rural, Vagner Augusto da Silva corrobora da seguinte forma:

Fenômeno migratório mundial, o êxodo rural é consequência, entre outros fatores, da implantação de relações capitalistas modernas na produção agropecuária, que é levada a adaptar-se a uma economia complexa e centrada na cidade. Nesse quadro, o setor agrícola fornece insumos e matérias-primas para as indústrias, consome mercadorias industriais (máquinas, adubos, pesticidas, implementos, etc.) e, substituindo o trabalho humano pela máquina libera excedente de mão de obra – ou seja, expulsa população do campo para o meio urbano. Nos países desenvolvidos os acontecimentos que ocasionaram essa dinâmica marcaram a história do século XIX e as primeiras décadas do século XX - assim, houve uma urbanização relativamente progressiva, gradual. Já nos países subdesenvolvidos e de industrialização recente, o ritmo do êxodo rural foi muito mais acelerado, com a transferência, em poucas décadas, da maioria da população do campo para a cidade. (SILVA, 2005, p. 67)

Assim, a mecanização da lavoura culmina com a substituição do homem pela máquina no meio rural, essa tecnologia agrícola recebe críticas de movimentos sociais ligados aos trabalhadores, entretanto, pelo número de habitantes que hoje povoa todo planeta, não seria capaz produzir alimentos que suprisse a demanda do consumo universal com apenas o trabalho braçal na lavoura, mas se faz necessário produzirmos um equilíbrio entre o uso das máquinas e a mão de obra. Um novo agravante que veio fomentar o que podemos chamar de desemprego estrutural. Dessa maneira, expulsa uma leva de mão de obra desqualificada, transportando para o meio urbano mais um problema gerado por esse fenômeno migratório.

Questiona ainda que essa dinâmica se deu em dois patamares: nos países industrializados e desenvolvidos foi relativamente gradual, enquanto que nos países subdesenvolvidos ocorreu com maior intensidade, provocando um crescimento desordenado de habitações precárias nas periferias das grandes cidades.

As referidas afirmações constituem-se fator de preocupação para estudiosos dessa questão, pois o avanço tecnológico é uma conquista comemorada por todos os setores sociais, a educação e a saúde hoje desfrutam de grandes meios para a solução de seus problemas, a partir da implantação de novas tecnologias, o setor industrial, os transportes e, especialmente, as comunicações vivem uma verdadeira revolução positiva. Mas quando relacionamos essa

⁸ Treco da música A Triste Partida, composição de Patativa do Assaré.

evolução ao setor agropecuário, as consequências são desastrosas a respeito da permanência do homem no campo. Ainda mais porque a produção agrícola sem as máquinas não abasteceria de alimentos uma população mundial com mais de sete bilhões de habitantes.

Há um grau de complexidade muito elevado para a solução do problema em debate. Se na verdade existe a necessidade das máquinas e de outros equipamentos na produção agrícola e da pecuária, é mais ainda necessária uma política para ocupar essa mão de obra dispensada pela estrutura tecnológica. Os trabalhadores devem receber uma Educação do Campo, dentro dos moldes da transformação de toda população, e que essa educação seja produzida em seus próprios meios e pelos educadores formados a partir da população local, que lhe dê formação técnica para o mercado de trabalho nas empresas que produzem esses equipamentos, que devem ser instaladas próximas aos locais para onde se destina sua produção. A terra deve passar de uma propriedade privada para se transformar em um espaço de produção coletiva. Mas essa realidade ainda está por vir, porém, temos a obrigatoriedade de propor ações fundamentadas para o enfrentamento das causas e consequências maléficas do êxodo rural.

A tabela abaixo mostra que a população rural vem diminuindo de forma vertiginosa ao longo das últimas décadas. Essa tendência é um alerta para a necessidade urgente de medidas que proporcionem a permanência da população no meio rural e de incentivo para uma migração inversa da que ocorreu até hoje, ou seja, cidade/campo. O que estamos presenciando é o despovoamento de regiões do Brasil, que podem **gerar emprego e renda** em grande escala, se necessariamente for planejada para se adequar aos intemperes naturais que ocorre anualmente, no caso longa estiagens, que chegam até provocar mudanças na rede fluvial, aparentando só rios temporários, no cenário do Polígono das Secas os rios totalmente secos, é um quadro desanimador. As medidas para reverter esse quadro, apresentado pela tabela abaixo, dependem de dois projetos governamentais: dotar essas áreas de infraestrutura eficaz e ampliar o projeto de formação e qualificação técnica da população.

| BRASIL — POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE 1970 A 1996 | | | | | |
|--|------------------|-----------------|------------------|-----------------|---------------|
| Anos | Urbana | | Rural | | Total |
| | Nº de habitantes | % sobre o total | Nº de habitantes | % sobre o total | |
| 1970 | 52,1 milhões | 55,9 | 41,1 milhões | 44,0 | 93,1 milhões |
| 1980 | 80,5 milhões | 67,5 | 38,6 milhões | 32,4 | 119,1 milhões |
| 1996 | 123,0 milhões | 78,3 | 33,9 milhões | 21,6 | 157,0 milhões |

Fonte: Tabela elaborada a partir de dados do IBGE, Recenseamentos de 1970 e 1980; e Contagem da população de 1996.

Além do mais a atração exercida pelos grandes centros urbanos chega ao homem do campo de forma fantasiada, com *el dourados* que possibilitaria uma vida melhor, seria o mundo televisado em cores e prosperidade. Mas o que se pode constatar na realidade é um novo e hostil ambiente, onde ele, com certeza, não se adequará facilmente.

A falta de perspectiva de trabalho no campo impulsionou boa parte dessas pessoas a se deslocar em direção a cidade em busca de emprego nas indústrias e nas atividades terciárias, visando a melhores condições de vida, assim, iniciava-se o mais intenso fluxo migratório da história do país.

Essas migrações campo-cidade chamadas de êxodo rural pelos especialistas, contribuíram significativamente com o processo de urbanização brasileiro. Já a partir da década de 1940, a população urbana começou a crescer em um ritmo maior que a rural, mas os maiores fluxos ocorreram apenas entre as décadas de 1960 e 1980, concomitantemente aos períodos mais intensos de desenvolvimento e modernização das atividades agrícolas. (BOLIGIAM e ALVES, 2010, p. 74-75)

O trecho acima enfoca a questão do êxodo rural em todo Brasil, com causas diferenciadas das que ocorrem na região Nordeste, cita que os estados onde a agricultura recebeu novos incentivos e novas tecnologias, esse movimento populacional também se fez presente na elevação do número de habitantes nos grandes centros urbanos e na diminuição das populações nas áreas rurais. A mecanização da lavoura é mais marcante nos estados de economia mais forte. Comprovando a tese do desemprego estrutural, que afeta ainda mais as áreas em desenvolvimento para uma agricultura comercial, muitas vezes voltada para a exportação dos seus produtos.

Examina ainda a possibilidade de haver também uma migração cidade-campo, evidentemente em menor proporção, nesse caso, esse contingente seria formado por mão de obra qualificada para as grandes empresas rurais. O contrário do nosso pequeno agricultor e trabalhadores rurais sem qualificação apropriada para serem absolvidos por esse novo mercado de trabalho.

É o chamado agronegócio, financiado pelo capital acumulado, até mesmo, por outros setores da economia, que vislumbra a agropecuária uma forma de expandir seus interesses comerciais em um setor lucrativo. Não é mais novidade se encontrar escritórios de fazendeiros em um edifício na avenida paulista, de onde saem as instruções e decisões para o funcionamento de grandes áreas produtoras no interior do país. Fato que transforma essa atividade, anteriormente reservada aos camponeses, mais uma ação especulativa do sistema capitalista, e sua incessante busca pelo lucro.

Não é só a ramo artístico musical que trabalha a problemática do êxodo rural, temos também obras de arte como a ilustração do quadro Os retirantes, do pintor Cândido Portinari⁹, que grava uma família de emigrantes do interior do Nordeste do Brasil. É um retrato falado de uma triste realidade social. Uma panorâmica interpretação da tela: urubus revoam a carnificina formada por animais mortos, ou levado ao exagero, o que sempre reflete obras pintadas pelos grandes mestres do pincel, os urubus estariam esperando a morte dos humanos, efeitos de uma seca tirana, mostra ainda meninos nanicos, fadados pela



Ilustração 1 – Quadro Os retirantes – Cândido Portinari

⁹ Cândido Portinari conseguiu retratar em suas obras o dia a dia problemas sociais do nosso país. No quadro Os Retirantes, produzido em 1944, Portinari expõe o sofrimento dos migrantes, representados por pessoas magérrimas e com expressões que transmitem sentimentos de fome e miséria.

inanição.

Todas as contribuições de artistas de diversas áreas culturais devem ser ratificadas com uma implantação de uma política pública capaz de transformar essa realidade triste do povo nordestino em uma esperança de novos dias e uma nova história a se fazer. Para isso se faz necessário à união de um conjunto de forças dos movimentos sociais ligados ao homem que trabalha a terra e das academias para programar um modelo de educação do campo que busque a valorização do homem e suas culturas nativas.

Muitas vezes a viagem do homem do campo para a cidade acontece em pau de arara - transporte rústico e irregular muito usado no interior do Nordeste, trata-se de uma caminhão com carroceria de madeira com um travessão no alto, onde se coloca uma lona, em baixo da lona tem uns bancos de tábuas que serve de assento para os viajantes. Nas décadas de 1950 e 1960, os motoristas desses transportes se arriscavam, não só pelas áridas dos sertões, adentravam no Brasil a fora, especialmente para as bandas do Sul.

No filme *Gonzaga – De pai pra filho* que retrata a trajetória de Luiz Gonzaga – filho de Januário e pai de Gonzaguinha – mostra, na ida dele para o Rio de Janeiro, no início dos anos de 1950, o caminhão pau de arara que faz parte do cenário. Esse mesmo cenário serviu de inspiração para a composição de Venâncio/Corumbá/J.Guimarães, a música *Último Pau de Arara*, em 1956, interpretada também pelo Rei do Baião.

Último Pau de Arara

Composição: Venâncio/Corumbá/J.Guimarães

A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão
Mas se chover dá de tudo
Fartura tem de montão
Tomara que chova logo
Tomara, meu Deus, tomara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha
Tiver o couro e o osso
E puder com o chocalho
Pendurado no pescoço
Vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outro canto não para
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
Enquanto a minha vaquinha
Tiver o couro e o osso

E puder com o chocalho
Pendurado no pescoço
Vou ficando por aqui

A análise da música *Último Pau de Arara* revela-nos, marcantemente, um fato já observado em outras composições interpretadas por Gonzagão, que a migração campo/cidade de origem nordestina é compulsória. Assim como ocorre em outras partes do Brasil e do mundo. O texto musicado sugere que o homem resistirá até o último momento, enquanto tiver uma vaquinha com o couro e o osso ele vai ficando em sua terra natal, no caso em tela, a microrregião do Cariri, encravada no Polígono das Secas, tida como a área com maior frequência de estiagem do Brasil.

Percebe-se ainda que envolto de tanta calamidade, retratada na letra da música, o homem mais uma vez expõe sua fé, que lhe é peculiar, e evoca a Deus do céu a ajuda para resistir à tamanha bravura natural. Na verdade exclama a dizer: “só deixo o meu Cariri no último pau de arara”. Essa resistência reflete um comportamento muito comum nos seres humanos, o de viver em sua terra e construir sua vida em um ambiente, que de costume, lhe ofereça condições de um bem-estar social.

Pode-se ainda constatar que Gonzaga e seus parceiros, nessa canção, procuraram valorizar o orgulho de ser filho do sertão e a cultura da região, respondendo a crítica de alguns sulistas desinformados, de que o nordestino quando chega à idade adulta quer mesmo é largar tudo e sair de seu lugar de origem, para se aventurar em outros cantos, visão pejorativa com os que eles, os sulistas, chamam de *cabeças chatas*.

Quando a letra da música relata que “a vida aqui só é ruim quando não chove no chão”, faz saber que o grande problema do interior da região Nordeste é mesmo a escassez de água. Uma vez que mesmo sem as chuvas regulares de outras partes, até mesmo do Nordeste, como é o caso do litoral, pode se ter água de outras formas com reservatórios e sistema de irrigação, isso seria a obrigação dos governos, para os quais Luiz Gonzaga cantava as coisas do seu sertão.

Na letra da música *Último Pau de Arara* entende-se conotações políticas e históricas, através de um texto simples e de fácil interpretação literária, primeiro: supõe que com uma ação política governamental para a implantação de um sistema de irrigação socializado com as comunidades agrícolas, manteria o homem do campo no campo, “porque quem foge a terra natal em outro canto não para”; segundo: indica que ao longo de muitas décadas a migração do homem do campo para os grandes centros urbanos, fez parte da vida de muitos trabalhadores rurais do semiárido nordestino e, que a resistência em permanecer na terra natal, aclamada na letra dessa música, se dá por experiências negativas, relatadas por alguns que emigraram e retornaram sobre a pena do abandono e solidão em meio à multidão da cidade grande. Para o homem nordestino que tenta resistir aos intemperes da seca, sair do seu Cariri, só no último pau de arara, só quando a “lama virar pedra” e o sertão virar um “inferno”.

Evidentemente que essa resistência isolada do homem bravo do sertão deve ser ampliada para uma ação de política pública voltada para criar as condições necessárias que venham possibilitar a permanência do homem no campo. Para tão importante e desafiadora tarefa, cabe a implantação de métodos revolucionários na formação cidadã e profissional desses indivíduos camponeses, essa revolução passa decisivamente pela implementação do

sistema educacional voltado para o campo e, sobretudo, utilizar-se do contingente humano já existente na região como protagonista desse novo modo de pensar e agir para solucionar problemas históricos que submeteram a região a um subdesenvolvimento, que hoje, acreditamos ser reversível.

2.2 Educação do Campo

No Brasil, antes de continuarmos quebrando nossas fronteiras agrícolas em prol da produção capitalista sobre o meio ambiente, é extremamente necessário implantar políticas públicas para transformar o interior do país em um espaço nacional, construído pelo homem que nele habita. Para que esse espaço se torne realidade é preciso uma mobilização em defesa da produção e, sobretudo, da população rural, através de uma Educação do Campo capaz de valorizar as tradições e costumes regionais, libertando os trabalhadores rurais da exploração que lhes fora imposta desde o período colonial, especialmente, no interior do Nordeste. De acordo com Caldart (2002 p. 29-30), o movimento por uma educação do campo vincula a luta por educação com o conjunto das lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo. A citação da Professora Doutora Roseli Caldart alerta, para a necessidade de mobilizações internas e externas ao campo em busca de uma educação que priorize o homem do campo como um agente produtor e sujeito desse espaço.

Na música *Triste Partida*, Luiz Gonzaga menciona a exploração capitalista com o pequeno produtor rural, quando canta: “*E vende seu burro, jumento e o cavalo, até mesmo a gado vendeu também, pois logo aparece um feliz fazendeiro, e por pouco dinheiro lhe compra o que tem*”. Só uma população rural organizada na luta e educada a partir dos seus princípios, pode se confrontar com esse sistema político e econômico de inegável dominação. É na desinformação e no despreparo do nordestino que essa dominação se estabeleceu ao longo de mais de quatro séculos, incluindo aí o período da escravidão no Brasil. Sem piedade, os grandes fazendeiros, esperam o período de seca, quando os pequenos produtores perdem sua fraca produção, para lhe arrebatar o pequeno pedaço de terra, que vão dando origem aos latifúndios, caracterizando o modelo da propriedade rural na região Nordeste e em todo país a citação de Gonzaga denuncia a miséria em que vive o pequeno agricultor e o trabalhador rural da região do Polígono da Seca.

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza dos dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidade organizações, movimentos sociais... A perspectiva de educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino.

Trata de uma educação dos e não para os sujeitos do campo. (CALDART, 2011, p. 27)

As Diretrizes Operacionais da educação brasileira já dispõem de um modelo de Educação do Campo que satisfaz a proposta de Caldart, quando propõe ser esta uma modalidade da Educação Básica que tem por objetivo fortalecer a identidade, os valores, as memórias e os saberes das pessoas do campo em sua cultura e em seu lugar. A escola do campo deverá se organizar nos tempos e espaços que melhor atendam a essa realidade, oferecendo as condições necessárias para o enfrentamento e melhoria das situações de vida.

No entanto, vemos atualmente que a proposta defendida por Caldart (2011) e o que está posto nas Diretrizes Operacionais para Educação do Campo ainda não se encontra em ampla execução, em nenhuma região brasileira, muito menos no interior do Nordeste. O que se tem é a luta e o embate político dos quilombolas, povos indígenas, pescadores camponeses, assentados, sem-terra e outras organizações sociais envolvidas com o campo. Para que essa educação transformadora passe a fazer parte do real conteúdo pedagógico das escolas rurais, serão necessárias as lutas dessas organizações pressionando para que essas Diretrizes “saíam do papel”. O que faz da Educação do Campo, ainda um desafio para o Nordeste e todo país.

Retornando aos ensinamentos da obra gonzaguiana, vemos que o homem acometido pelo flagelo da seca, faz novas experiências para perceber a chegada de chuva, apela para santos, gasta toda sua esperança até o voo derradeiro da asa branca, e só deixa seu Cariri no último “pau de arara”. Gonzaga está transmitindo uma mensagem de luta e resistência.

O movimento da Educação do Campo se constitui de três momentos que são distintas, mas simultâneos e que se complementam na configuração do seu conceito, do que ela é, está sendo, poderá ser.

A Educação do Campo é negatividade: denúncia/resistência luta contra. Basta de considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola, que o acesso à educação se restrinja à escola. (CALDART, 2012, p. 17)

Dessa forma, não se trata de seguir essa ou aquela teoria sobre a Educação do Campo, o desafio agora é a relação entre a teoria e a prática, ou seja, a necessidade da práxis (conjunto das atividades humanas responsáveis pela transformação da organização social). Esse debate se aprofunda no contexto atual de educação em todos os níveis e modelos. Historicamente se resgatam fatos que não são adequados para a pretendida educação, fatos que podem transformar da sociedade como um todo, no plano real de acontecimentos. Porém sabe-se que a educação de qualidade é acessível apenas a uma pequena camada da população, nesse caso, essa prática enfrenta inicialmente o problema da abrangência na sua aplicação.

O conjunto de atividade para a implementação da Educação do Campo, vai depender das organizações de classe que envolva todos os setores sociais. Temos que buscar, exaustivamente, esse avanço que vai marcar a história da educação do Brasil. Não podemos ficar reféns de grupos que ignoram as questões sociais em prol do mísero lucro do capital, podemos viver em sociedade sem haver degraus tão grandes entre o trabalhador e o sistema econômico capitalista. Como um país que tem o 6º PIB mundial, amarga a vergonhosa classificação de 84º lugar no IDH? (de acordo com anuário da ONU – 2013).

É certo que estratégias políticas de dominação e exploração capitalistas estão por trás

desse enorme desequilíbrio, entre a riqueza produzida e a pobreza denunciada nas melodias do Rei do Baião. Os educadores que militam nos segmentos básicos da educação pública municipal e estadual testemunham fatos que denigrem a imagem da nossa organização social, que é sem dúvida, a péssima educação prestada pelos governos para a maior parte dos estudantes desses sistemas educacionais. Esse contexto não podia produzir outro quadro a não ser de um subdesenvolvimento explícito. Precisamos ativar um modelo de escola compromissada com as características culturais de sua comunidade e, sobretudo que esteja voltada para a valorização dos costumes e rituais que historicamente se constatem na localidade.

A Escola Ativa é uma nova forma de pensar a educação do campo nas salas multisseriadas, visando principalmente, à interação da comunidade e à colaboração dos alunos na gestão da escola, onde são estimulados constantemente a exercitar sua cidadania, através das atividades realizadas na escola, que devem estar sempre em sintonia com a comunidade. Um ponto forte da metodologia é a valorização das diferenças individuais e o respeito ao ritmo de cada educando no momento da aprendizagem, em que os educandos se colocam como orientadores do processo, levando os educandos a chegarem às suas próprias conclusões.

De acordo com a metodologia do programa, o aluno é entendido como sujeito histórico, e o professor, como do processo pedagógico, e ambos são protagonistas do processo ensino e aprendizagem. (SILVA e BRANDÃO, 2013, p. 15)

Conforme artigo publicado no *Jornal Mundo Jovem*¹⁰, a nova forma de pensar a educação está na abertura da gestão escolar, em que a comunidade faça valer seus anseios de uma escola com metodologia original relativa à realidade vivida no seu cotidiano.

Podemos traduzir a Educação do campo também através das músicas de Luiz Gonzaga, assim como esse modelo de educação é centrado na valorização do homem, resgata suas origens e transforma esse homem em agente na construção do seu tempo, de sua lógica e organizador do seu espaço, para que ele possa trabalhar e desenvolver valores em um convívio saudável com seu ambiente. As músicas trabalhadas nessa pesquisa, é o retrato fiel desse povo, canta suas histórias, suas origens, virtudes e encena um documentário poético do sofrimento do povo nordestino, assolado pela seca, e denuncia claramente a falta de políticas públicas que possam, no mínimo, amenizar o flagelo que atinge milhões de pessoas do campo e, que gostariam de nunca deixar a morada sobre o terreno rochoso coberto por caatingas no interior do Nordeste.

Entendemos que a educação do campo pode explorar esse projeto pedagógico de estudar a seca do Nordeste através das músicas cantadas pelo Rei do Baião. Estaria contemplando conteúdos curriculares apropriados aos estudos, que se propõe ao homem do campo, enfocando os fatos reais de sua região, o fenômeno natural da seca que lhe afeta e os problemas causados por esse fenômeno que o camponês enfrenta para viver ali.

Explorar a musicalidade e genialidade de Luiz Gonzaga um filho da terra dotado de uma sabedoria mística, que alcançou o estrelato nacional, mas nunca abriu mão de suas raízes.

¹⁰ O Mundo Jovem é um "jornal de ideias", publicação da PUCRS. O Mundo Jovem não é uma empresa, não tem fins lucrativos e não veicula publicidade. Veicula textos que servem como subsídio para debates e reflexões de grupos e também nas escolas, sobretudo nas disciplinas humanísticas (Ensino Religioso, História, Geografia, Psicopedagogia, Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa etc.), especialmente no Ensino Médio.

Seria, sem sombra de dúvida, um bom método pedagógico. A implantação dessa metodologia de ensino na Educação do Campo, com certeza, alcançaria o objetivo de animar o educando à frequentar com mais entusiasmo as aulas, e atrairia os familiares, que podiam cantar, tocar e até encenar fatos narrados nas canções. Em outro plano, essa realidade relatada nas músicas, já podam ter sido vividas por muitos estudantes, o que abriria um longo e acalorado debate, com enorme ganho para o aprendizado de toda comunidade. A partir daí, as festas juninas, muito comemoradas na região, passaria a ter um conteúdo cultural e não apenas ritmos de arrasta-pé, as músicas tocadas estariam sendo interpretadas por todos os educandos e moradores do lugar.

A contradição a ser enfrentada aqui: nem sempre são os mesmos sujeitos que se juntam, se articulam se identificam nos três momentos. E a compreensão de cada momento pode ser diferente: a denúncia é contra quem? O projeto quer mudar até onde? E às vezes, nas ações concretas é difícil distinguir o que efetivamente projeta futuro e o que são concessões que podem matá-lo.

Mas tenhamos presente que na correlação de forças da sociedade onde isso tudo acontece, manter a contradição instalada é ainda nossa luta maior, se ela for superada o mais provável é que isso signifique nossa derrota, talvez nossa morte.

No caso da Educação do Campo, manter a contradição instalada significa continuar sua trajetória sendo fiel ao seu percurso de vínculo com os ‘pobres do campo’ e com suas organizações de lutas sociais. Por que é destes sujeitos (que hoje “lutam pra deixar de morrer”) que estão nascendo/podem nascer experiências, alternativas que contestam mais radicalmente a lógica social dominante, hegemônica e recolocam a perspectiva de construção social para “além do capital”. É disso que se trata na questão da resistência política, econômica e cultural do campesinato, de outra lógica de trabalho no campo que não o assalariamento, que não a agricultura de negócio. (CALDART, 2012, p. 17)

Sendo assim, devemos ter uma redobrada atenção para não cairmos na intenção de mercado do agronegócio, que visa implementar um modelo de “educação rural”, formadora de mão de obra barata para sustentar suas demandas operacionais nas atividades campestres. A Educação do Campo é o pensamento e desenvolvimento coletivo das ações, que envolve a qualificação do homem, a socialização da produção e a sustentabilidade do meio do ambiente rural. Evidentemente que esse processo é complexo, denso, que deve exigir uma longa relação entre a educação e o trabalhador rural, para a materialidade das teorias educacionais, que enfrentam uma disputa desfavorável frente à grande “maré liberal”, esse liberalismo perverso, às vezes influencia até os movimentos sociais, distorcendo seu real papel na organização das lutas de classe, para uma busca de resultados imediatos que não constrói o avanço social, mas fortalece cada vez mais esse sistema.

De acordo com Fernandes (2012, p. 28), a forma de organização territorial distingue o modelo de produção para o agronegócio, do modelo campesinato. No agronegócio, o campo é explorado por monoculturas, que cada vez mais afasta a presença humana no espaço agrário, busca uma produção de mercadoria, que muitas vezes, os habitantes circunvizinhos não têm acesso para o consumo dos produtos nessas áreas plantadas. O campo passa a ser um território demarcado sobre o controle do capital das grandes empresas, em sua maioria, têm sua sede distante do ambiente agrário, para não se expor às cobranças dos poucos trabalhadores que se empregam no setor.

No campesinato, o território é formado por um pensamento ideológico sem fronteiras,

baseado nas médias e pequenas propriedades rurais, com uma presença humana mais distribuída sobre o espaço produtivo, em que o trabalhador seja o sujeito político, cultural com organizações cooperativistas. Esse é o grande objetivo a ser alcançado pela Educação do Campo.

As pessoas produzem espaços ao se relacionarem diversamente e são frutos dessa multidimensionalidade. O espaço geográfico contém todos os tipos de espaços sociais produzidos pelas relações entre as pessoas, e entre estas e a natureza, que transformam o espaço geográfico, modificando a paisagem e construindo territórios, regiões e lugares.

Souza (2012) enfatiza com precisão a errônea concepção de educação rural implantada até hoje: na trajetória da educação rural, o homem do campo foi concebido como exemplo do atraso, e a política educacional se organizava em conformidade com os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura.

O enfrentamento ao sistema exposto deve partir dos sujeitos envolvidos. E quem são esses sujeitos da Educação do Campo? Indagação feita por Silva (2012, p. 73), que responde denominando-os como aqueles que, não obstante terem sido excluídos e marginalizados pelo processo de modernização da agricultura brasileira, ao contrário da estratégia de êxodo, se aliaram numa resistência no e do campo. Ou seja, sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente, sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária, sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo, sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas e pedagógicas.

A caracterização dos sujeitos do campo feita pela autora nos remete a teimosia que o Rei do Baião teve com os que não concordavam com seus trajes, fora ele criticado que estava valorizando a figura dos cangaceiros do Nordeste, pessoas tidas, no que pese as controversas, como bandidos, Gonzaga tinha um novo olhar para seu modo de vestir, negou-se a mudar seu estilo, enfrentou o poder das gravadoras, que procuravam enquadrar os artistas no modelo de figura padrão aceitável pelo comércio musical. Mas ele vendo a necessidade de representar a cultura de seu povo, resistiu e se transformou em sujeito disseminador cultural, com visão crítica das precárias condições dos habitantes de sua terra. O mito Rei do Baião pode servir como exemplo de denúncia contra esse modelo de educação rural e urbana que estamos combatendo, e propondo novas ideias na perspectiva de transformá-lo em um sistema educacional voltado para a melhoria das condições de vida de toda população.

O Brasil abriu-se para a democracia, ao mesmo tempo, se alinhou ao modelo capitalista da globalização, é claro que esse modelo iria cobrar um preço muito alto para que o país ingressasse no comércio mundial de produtos primários. Temos que preparar melhor o trabalhador rural para que ele possa assegurar e ter participação nos avanços propostos nessa nova realidade entre o capital e o trabalho especialmente no campo.

Na atual conjuntura política e social brasileira, os movimentos sociais são obrigados a também refazerem suas bandeiras de luta, buscar simplesmente o direito de protestar não é mais um grande desafio, agora esse desafio está na organização e conscientização das categorias e comunidades para o novo enfrentamento, ou seja, o sistema capitalista adotado pelo governo do Brasil, que vislumbra grandes avanços na produção rural do país, e para isso usará a mão de obra dos nossos jovens, é preciso fiscalizar e criar organizações que possam se armar de dados e valores para, junto e com os trabalhadores, não serem explorados mesmo

após a abertura política, pois o capital é imune ao modelo de administração das nações, ele busca sempre sua redenção em qualquer que seja a situação.

Portanto, nessa perspectiva de profissionalização do jovem para uma atuação mais qualificada na agricultura, que a formação ministrada pelas Casas Familiares Rurais é percebida e valorizada pelos seus sujeitos. A sucessão de sequências entre o meio familiar e o meio escolar é compreendida sobre a lógica de uma conjugação da formação teórica com a formação prática. Nessa conjugação, enquanto o meio escolar proporciona o conhecimento técnico-científico, o meio familiar viabiliza sua aplicação prática nas condições reais e específicas de cada unidade familiar produtiva. Emergem, nessa representação de alternância, a face de um dos segmentos da agricultura familiar mais modernizado e que, integrado a empresas agroindustriais, tem sua permanência e sobrevivência condicionada ao aumento da produção e da produtividade da unidade familiar produtiva, o que implica a necessidade de maior emprego da força de trabalho familiar e de maior tecnificação da propriedade rural. (SILVA, 2012, p. 77)

A Educação do Campo é o grande caminho para essa formação, que deve ser técnica, mas acima de tudo, política, cultural e cidadã. Temos que buscar a práxis desse modelo educacional, inspirados nas lutas do povo brasileiro ao longo de sua existência, vale salientar que o brasileiro, às vezes taxado de acomodado, tem dado exemplos na busca por mudanças na estrutura política/administrativa do país, que vive em um modelo de subdesenvolvimento originado desde a sua colonização, marcada pela exploração das terras, dos recursos naturais e do homem nativo, nossa colonização não trouxe uma visão de povoamento e desenvolvimento territorial, ao colonizar o Brasil, povos portugueses e, até de outros países europeus, sempre tiveram a intenção de usufruir das riquezas aqui existentes, esse modelo de colonização deu início ao processo secular de subdesenvolvimento, que até hoje, impera em nosso país. Ainda teve o complemento, historicamente, desastroso da escravidão. Esses fatos, montaram no país um sistema político econômico de dominação e exploração do trabalhador. Não se sabe quando vai haver um nacionalismo nesse país que socialize suas riquezas com a camada da população que vende sua força de trabalho ao capital, isso só vai ser revertido com a força da organização popular, construída por uma educação libertadora. O homem do campo não pode mais ser o grande produtor de riquezas, sem saber o seu real valor e, sem poder usufruir dessa produção. O camponês tem direito de viver em harmonia com o seu habitat, mesmo no mais inóspito recanto desse país continental.

2.3 Mito e Religiosidade

Luiz Gonzaga transformou-se em um mito no imaginário não só dos nordestinos, mas de todos os brasileiros. Destemido em seu legado, buscou na imagem rústica do vaqueiro, o traje que ele imortalizou na memória de uma nação carente de ídolos. Não se pode construir um ídolo por meio de campanha midiática, a mídia é que se rende ao ídolo construído pela sabedoria popular, que seus ensinamentos, ultrapassam gerações e desbravam o modismo

instantâneo, que muitas vezes é motivo de ações capitalistas sem pretensões de desenvolvimento futuro da população. Ressaltar o Rei do Baião como mito é reconhecer academicamente seu notório saber, sem precisar lhe outorgar diploma de doutor. Basta saber decifrar citações em suas músicas como: “*dar pena o nortista, tão forte, tão bravo, viver como escravo nas bandas do Sul*”. Nada mais real do que a história de milhares de nordestinos que, para sobreviver, se submeteram aos mais árduos trabalhos na construção desse país Tropical, que sem nenhum remorso, esquece que também é Semiárido e até o Divino já foi convocado para abençoar a parte do país Tropical, bonito por natureza e que tem carnaval.

A noção de mito é complexa. O mito não é exclusividade dos povos primitivos, pois existe em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade. Entre os povos primitivos o mito é estrutura dominante. Enquanto processo vivo de compreensão da realidade, o mito surge como verdade. O critério da adesão do mito é a crença, e não a evidência racional. O mito é, portanto uma instituição compreensiva da realidade é uma forma espontânea de o homem situar-se no mundo. As raízes do mito não se acham nas explicações exclusivamente racionais, mas na realidade vivida. (...) O mito pode ser definido da seguinte forma: Palavra proferida, discurso, narrativa; rumor; notícia que se espalha, mensagem, conselho, prescrição.

(...)

Os deuses, no pensamento mítico, viviam entre os humanos, interferiam em suas vidas, tinham amores e ciúmes como todos nós. Eles eram identificados com uma característica, muito mais do que com uma forma. Afrodite, por exemplo, era a deusa da beleza, e tudo que fosse belo renderia culto à deusa, desde uma pessoa especialmente bela até uma obra de arte ou algo natural como um rio ou uma floresta. (ALGARVES, s/d, p. 10-11)

É exatamente essa relação que os brasileiros tinham e ainda tem com o Rei do Baião, vestido com chapéu de couro e gibão, trajes típicos do vaqueiro nordestino, sua imagem representaria no imaginário popular todos os habitantes nativos de sua região. Simbolizava a sabedoria nata e aliviava as tensões que intrigavam as pessoas através de suas melódicas canções. Todo sanfoneiro, pelo Brasil afora, mostrava algum traço que cultuava o rei. Para Eliade – historiador e romancista – “uma das funções do mito é fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas”.

Como vimos, os mitos tentam explicar a origem do mundo e de certa forma, a filosofia é herdeira do pensamento mítico, porém o retoma a partir de uma nova abordagem. Os primeiros filósofos, que ficavam conhecidos como pré-socráticos, investigavam a natureza buscando a sua origem. Portanto a filosofia enfrenta, num primeiro momento, questões semelhantes às investigadas pela mitologia. Estabelecendo entre a mitologia e filosofia relações de continuidade e ruptura. Uma das principais características do pensamento mítico é o caráter representativo de suas narrativas.

A função principal de um mito é acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador. No primitivo tudo é sagrado e nada é natural.

(...)

O mito é o ponto de partida para a compreensão do mundo. Tudo que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão. A função fabulosa persiste não só nos contos populares, no folclore, como também no dia-a-dia, ao proferir palavras ricas em sentido mítico. (ALGARVES, p. 11-12)

Pessoas nacionalmente conhecidas são consagradas como mito, representa um pensamento, um estilo e formam culturas. A população não deixa que essas personagens supra ideológicas sejam esquecidas, mesmo após a morte do corpo da pessoa que encarnava o mito. Assim, é comum durante uma corrida de fórmula 1, lembrarmos e até citar o nome de Ayrton Senna. Da mesma forma, todas as festividades em que se comemora o São João, na região Nordeste do Brasil, qualquer sanfoneiro tocando com um chapéu de couro e um gibão lembra Luiz Gonzaga, muitos imaginam ser uma imitação, às vezes o próprio sanfoneiro pensa assim. Então os mitos são formados e têm sua vida própria na imaginação humana, por isso não morrem, seguem fazendo escola, criando rituais e dando exemplos de vida.

É um campo de fácil oratória, divulgar as façanhas do mito, suas conquistas mirabolantes, como enfrentou e enfrentaria situações de embarços do nosso cotidiano. Se um jovem toca sanfona com maestria, logo é comum alguém dizer: “será um futuro Luiz Gonzaga?”, na intenção de produzir um efeito positivo na carreira do músico, na verdade não se quer que o jovem tome o lugar do mito, mas que siga seus ensinamentos.

Os rituais são manifestações que evocam os mitos, são momentos de alta devoção em que lembramos e comemoramos a sua existência no plano dos homens, mas com figura de deus. Alguns locais muito frequentados pelos mitos, onde estes realizavam suas mais altas e perfeitas atuações, tornam-se templo sagrados. O local onde se realiza *A Missa do Vaqueiro* é o templo sagrado do Rei do Baião. Um evento que relaciona mito e **religiosidade**. O texto a seguir expõe muito bem essa afirmação:

A Missa do Vaqueiro é um evento religioso, tradicional na cultura popular do sertão pernambucano

Esta celebração teve origem a partir do desaparecimento do vaqueiro Raimundo Jacó, um vaqueiro de muita coragem do Sertão nordestino, que foi assassinado traiçoeiramente nas caatingas do Sítio das Lages, distrito do município de Serrita, localizado no alto sertão do Araripe, localizado a 553 quilômetros do Recife.

A primeira missa em sua memória foi idealizada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga cantor e compositor pernambucano, e rezada pelo padre João Cândia dos Santos em 1971. Celebrada sempre no terceiro domingo do mês de julho, ao ar livre, num local onde foi construído um altar de pedra rústica em forma de ferradura. É neste dia que se reúnem vaqueiros de vários estados do Norte e Nordeste e se confraternizam diante da fé cristã.

A ideologia cristã da missa é um ato de fé do homem sertanejo, que apesar de ser um povo sofrido, não perde jamais a esperança de dias melhores.

Eles sobem até o altar e fazem suas oferendas com peças de sua indumentária de couro, arreios, e instrumentos usados no pastoreio do gado. Durante o ofertório eles improvisam versos de aboio sobre cada peça ofertada.

Os vaqueiros são homens sertanejos, boiadeiros de perdidas caatingas. Chegam montados nos seus cavalos, vestidos de gibão, botas, coletes e chapéu de couro enfeitado, trazendo no semblante a bravura do homem sertanejo.

Esta é uma homenagem feita não apenas ao grande vaqueiro Raimundo Jacó, mas a todos vaqueiros nordestinos corajosos que desafiam a imensidão, a seca, a fome e o perigo do grande Sertão nordestino. (BARRETO, 1990)

Ainda sobre mito, é interessante citar o posicionamento de Aranha e Freitas no texto “O mito hoje”.

Mas, e quanto aos nossos dias, os mitos são diferentes? O pensamento crítico e reflexivo, que teve início com os primeiros filósofos, na Grécia do século VI a. C, e o desenvolvimento do pensamento científico a partir do século XIV, com o Renascimento, ocuparam todo o lugar do conhecimento e condenaram à morte o modo mítico de nos situarmos no mundo humano? Essa é a posição defendida por Augusto Comte, filósofo francês do século XIX, fundador do positivismo. Essa

corrente filosófica explica a evolução da espécie humana em três estádios: o mítico (teológico), o filosófico (metafísico) e o científico. Este último apresenta-se como o coroamento do desenvolvimento humano, que não só é superior aos outros, como é o único considerado válido para se chegar à verdade. Assim, ao opor o poder da razão à visão ingênua oferecida pelo mito, o positivismo, de um lado, empobrece a realidade humana. O homem moderno, tanto quanto o antigo, não é só razão, mas também afetividade e emoção. Se a ciência é importante e necessária à nossa construção de mundo, não oferece a única interpretação válida do real. Ao contrário, a própria ciência pode virar um mito, quando somos levados a acreditar que ela é feita à margem da sociedade e de seus interesses, que mantém total objetividade e que é neutra. Negar o mito é negar uma das formas fundamentais da existência humana. O mito é a primeira forma de dar significado ao mundo: fundada no desejo de segurança, a imaginação cria histórias que nos tranquilizam, que são exemplares e nos guiam no dia-a-dia. (ARANHA e FREITAS, 1997)

Aranha e Freitas são contundentes ao afirmar que o homem não é só formado por razão, ele alimenta em seu ser uma devoção em elementos abstratos, para justificar sentimentos como a raiva e o amor, esses elementos são criações exclusivas da raça humana. O mito se consagra nessas criações.

O mito não depende do mito. Tornar-se um mito não é uma estratégia que possa ser traçada ou pensada por um indivíduo que almeje esse “estrelato”, o mito é criado por uma imaginação e admiração coletiva, que de forma espontânea cria corpo e sua imagem é construída de acordo com o visionário da população. Ainda enfocamos que o mito não recebe certificado oficial ou cartorial para se estabelecer, ele se concretiza na vontade natural e na manifestação de devoção das pessoas que o adoram. Exemplificando essa conclusão: Frei Galvão, o santo brasileiro oficializado pelo Vaticano, tem menos seguidores do que o padre Cícero, que foi afastado da igreja católica.

O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação de mundo. Mito é, por conseguinte, a parole “revelada”, o dito. “E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento”. Maurice Leenhardt precisa ainda mais o conceito: “O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado”. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve a acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativo. (BRANDÃO, 2011, p. 38 e 39)

O autor enriquece os estudos sobre mito quando o classifica como um elo entre o inconsciente e o consciente humano, ainda o faz sobre uma visão coletiva, transmitida de forma cabal para a realidade vivida. Nota-se também que o mito não cria polêmica na concepção de sua importância, esse valor maior ou menor, cabe ao consciente de grupos de pessoas que, por ser mito, não é julgado, pois já foi absolvido. Duvidar do mito é negar a existência do homem e compará-lo a seres inanimados.

O que podemos perceber é a clara necessidade que o ser humano tem de canalizar seus sentimentos em uma direção que, de acordo com seu julgo, lhe trará alívio e tranquilidade, desse modo vai construindo uma imagem empírica, vinda de fatos reais, que servirá de abrigo

para seu acúmulo de desejos e vontades, na inexplicável coincidência, quando esses desejos e vontades se manifestam sobre uma coletividade, surge o mito. Não se pode confundir mito com algo ou alguém que faz um alarde imediato, o mito ultrapassa as gerações e vai se solidificando através de rituais, ações que reverenciam a mensagem sem escrita e sem palavras ditas pelo mito, repetida incontáveis vezes pelo homem, ao repetir os ritos estaríamos nos adequando aos ensinamentos proferidos pelo mito. Uma coisa há de se confirmar: pelo ego de cada pessoa, e a busca incessante por uma vida de tranquilidade e equilíbrio, os seres humanos só repetem os ritos, porque isso lhes faz bem.

A compreensão do profano e do sagrado será de suma importância para a vida espiritual de uma pessoa ou de uma comunidade, pois os valores religiosos serão conduzidos de acordo com as atitudes e o seu grau de honestidade. Faremos então a seguinte indagação: “*tomar uma pinga*” pode ser para comemorar o nascimento de uma criança, para relaxar e abrir o apetite, ou para ficar bêbado e fazer arruaças? De um mesmo ato profano pode se extrair diversas intenções, que cada indivíduo deseja. Por isso os ritos não podem ser encarados de forma controvérsia, e sim, como uma manifestação cultural de grupos.

A ideia da reiteração prende-se à ideia de tempo. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e reatualizável, exatamente por que o homem das culturas primitivas não aceita a irreversibilidade do tempo: É que, enquanto o tempo profano “cronológico” é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se “comemorar” uma data histórica, mas não fazê-la voltar no tempo), o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que liberta o homem do tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar seu mundo. O profano é o tempo da vida; o sagrado, o “tempo” da eternidade. (BRANDÃO, 2011, P. 42)

Quando o Rei do Baião passou a cantar com um chapéu de couro que lembrava *Lampião, o rei do cangaço*, ele foi, inicialmente, hostilizado, por se trajar igual a um facínora, na linguagem descontextualizada dos sulistas. Mas o adereço podia estar representando o vaqueiro, o agricultor, ou um produto do artesanato regional. Coube a cada nortista e a todos os brasileiros atribuir sentidos à caracterização assumida por ele. Nessa direção, concordamos que “no Brasil, só é nacional o popular, ou aquilo que está ligado ao popular. Teremos que voltar a Gonzaga, como a árvore se prende ao chão. Ele vem do limbo onde fermenta e evolui a alma nova que estamos forjando” (Suassuna, *In*. FONTELES, 2012, p. 46). Com isso, Suassuna revela que os brasileiros estão reinventando o país, sem ter concluído o país em que vive, faz um alerta para a perda das tradições, ou seja, temos que ser o que somos e não copiar outros povos, outras culturas.

Luiz Gonzaga não foi um mito só para os nordestinos, Benito di Paula, cantor e compositor carioca consagrado em todo país por seus belos sambas - canções enaltecendo o Brasil, o carnaval e as mulheres brasileiras, compõe uma canção em homenagem a Luiz Rei do Baião, relata em *Sanfona Branca*¹¹ (1996) que *Luiz é festa, é povo, é alegria, é poesia é cantador do sertão*. Essas homenagens feitas por artistas de outras correntes musicais faz com que o mito do Rei do Baião ultrapasse as fronteiras do Nordeste e certamente do Brasil.

¹¹ Disponível em: <http://letras.mus.br/benito-di-paula/174991/>. Acesso em 31/05/2014.

Percebemos que os brasileiros gostam de expor o cenário do Polígono das Secas de forma preconceituosa e equivocada, é comum encontrar em decoração de festejos juninos casas de taipa sem saneamento nem água potável, habitat natural para o “barbeiro” e outros hospedeiros infectores, simbolizando a região, como se morar em uma delas fosse coisa boa. É um simbolismo pejorativo, erroneamente divulgado pelos próprios nordestinos de outras localidades. Turistas desinformados, de barrigas cheias, mas vazios de consciência pátria, são induzidos a se divertir ao entrar em um ambiente que retrata a miséria alheia. Não acabamos com a taipa e não irrigamos o sertão, mas já construímos para inglês ver, 13 mega estádios de futebol, são tapetes de “grana” aonde a bola vai rolar.

É nesse contexto cercado de ilusão que o nordestino evoca aos santos uma saída para a sua vida real, de dureza e escassez nas condições básicas de sobrevivência. Essa evocação, muitas vezes, é exclamada em letras de músicas que relaciona o misticismo e a religiosidade.

2.4 Música Religiosidade

Para discutir a relação entre música e religiosidade vamos nos amparar inicialmente na letra da música *Súplica cearense*, de autoria da dupla Gordurinha e Nelinho, composta em 1960, a princípio gravada pelo próprio Gordurinha, mas que fez grande sucesso após ser interpretada pelo Rei do Baião.

Súplica cearense

(Gordurinha e Nelinho)

Oh! Deus
Perdoe esse pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair
Cair sem parar
Oh! Deus
Será que o senhor se zangou
E é só por isso que o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há
Oh! Senhor
Pedi pro sol se esconder um pouquinho
Pedi pra chover
Mas chover de mansinho

Pra ver se nascia uma planta
Uma planta no chão
Oh! Meu Deus
Se eu não rezei direito
O senhor me perdoe
A culpa é do sujeito
Desse pobre que nem sabe fazer a oração
Meu Deus
Perdoe encher meus olhos d'água
E ter-lhe pedido cheio de mágoa
Pro sol inclemente
Se arretirar, retirar.
Desculpe pedir a toda hora
Pra chegar o inverno, desculpe.
Para acabar o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará.

A música *Súplica cearense*, outro sucesso na voz de Luiz Gonzaga, é o retrato falado da religiosidade do povo nordestino, em que o homem ao mesmo tempo em que reclama das intemperes “vindos do céu”, seja muito sol ou muita chuva, faz uma autocrítica se julgando

culpado por não saber rezar direito, daí receberia os castigos divinos. Fruto de uma ignorância pautada na bondade de um povo ordeiro, que trabalha de quase antes do sol nascer a quase antes do sol se por, e tem orgulho dos calos nas mãos.

É comum nas casas no interior do Nordeste ter em suas salas um oratório, tipo de altares particulares, com a imagem de vários santos da religião católica, e até fotos de pessoas e religiosos não santos, mas pelos moradores devotados e mistificados, sem a necessidade de investigar a história desses não santos, apenas revelam sua fé e praticam e participam de rituais em devoção aos santificados pelo processo de aceitação popular.

Concluindo a letra da melódica canção, o devoto faz um desabafo dotado de um exagero mórbido, compara a seca do seu estado, o Ceará, que é um dos mais atingido pelas estiagens da região, com o inferno. Apesar de todo o abstrato que é conhecer o inferno, pelo que dizem os contadores de causos, a comparação revela a revolta e a impotência dessa gente diante de tamanha catástrofe da natureza. Mas podemos ressaltar que o ser humano, filho de Deus, na compreensão das pessoas adeptas ao cristianismo, viver sobre os horrores de uma região sem água, às vezes até para beber, estaria mesmo em outra dimensão que não seria as oferecidas pela força divina, que está inserida na sua mente dura e castigada, órfã de ensinamentos acadêmicos, sem mais, rasga-lhe um choro embutido e disfarçado pelo suor amargo que escorre do seu rosto. Essa religiosidade autêntica é expressa também através de músicas consagradas como a que estamos discutindo ou em cantos religiosos que entoam as novenas semanais. A questão de ir à missa, ou ainda, ir à igreja mesmo quando não há missa, faz parte da rotina de uma boa parcela da população do interior do Nordeste, especialmente do sexo feminino, constata-se que as mulheres são isoladas e vigiadas pela tutela rigorosa dos maridos, que não as levam para locais tidos como de diversão para homens, encontram nesse ato de fé, uma forma de exercitar a necessidade de conviver em comunidade. Nesses casos a igreja, especialmente a católica, organizam grupos de orações, que não precisam da presença de um padre para acontecer.

Gabriela Cristina Meceda Rubert, em sua pesquisa de graduação, aprofunda a criação dos Altares Domésticos e a devoção por não santos:

Antes de tudo é preciso definir a localização do altar e as imagens de elementos presentes neles, para procurar definir sua formação antropológica. Fica em um canto do quarto de Seu Juca, um lugar, portanto, bem particular, sendo que algumas imagens ficam sobre uma mesa devidamente preparada, e outras em uma prateleira acima da mesa. Nele encontram-se várias imagens de santos oficiais da Igreja Católica, assim como de Nossa Senhora, principalmente a padroeira brasileira, Nossa Senhora Aparecida, pela qual Seu Juca demonstra muita devoção. Além disso, algumas imagens de Jesus Cristo se colocam presentes, uma um crucifixo grande, outra o menino Jesus e uma pintura com a seguinte mensagem: “Abençoe este lar”. Sobre a mesa uma vela e alguns folhetos de orações, inclusive da Nossa Senhora da Cabeça, que também está representada através da imagem da santa. Mas o que realmente chamou a atenção foi a fotografia do monge João Maria de Jesus, junta a várias imagens consagradas pela Igreja Católica. Seu Juca considera o monge um personagem santificado, assim como seu pai e muito outros homens que estiveram em contato com ele. Quando nos contou sobre os efeitos e “causos” de João Maria, Seu Juca demonstrou devoção e crença em proteção através do culto à esse personagem condenado pela Igreja Católica. (RUBERT, 2014)

A referida pesquisa vem reforçar a existência dos mitos, que sem lógica faz parte da doutrina de fé de um povo religioso. Não são consagrados pelos órgãos eclesiais, mas devotados com paixão no imaginário de uma coletividade. Revela ainda que, esses costumes místicos de adoração são herdados de seus antepassados, que podem até serem trazidos de crença de outros países, quando da colonização do campo, política de ocupação das terras brasileiras que o governo, julgava devolutas. Essa mesclada religiosidade entre o consagrado oficialmente e o consagrado pela imaginação cognitiva do ser humano, na verdade, enfeita quaisquer estudos sobre a fé do nosso povo nordestino.

A história das religiões toca ao que é essencialmente humano: a relação do homem com o sagrado. A história das religiões pode desempenhar um papel importante na crise que conhecemos. As crises do homem moderno são em grande parte religiosa devida à tomada de consciência da ausência de um sentido. (...) nesta crise, nesta desorientação, a história das religiões é pelo menos como a Arca de Noé das tradições místicas e religiosas. (...) o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais. Ele não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Porque a religião é a solução exemplar de toda crise existencial. (ELIADE, 1987, p. 110)

É plausível a ostentação da religiosidade nordestina pelo consagrado e pelo simbolismo, isso ocorre sem conflitos, entre os doutrinados das igrejas e os devotos com inimagináveis concepções da fé. Nesse contexto de inúmeras raízes históricas da nossa formação religiosa encontramos heranças dos índios, que habitavam nossas terras antes da colonização portuguesa e de outros povos europeus, dos povos europeus colonizadores e, especialmente, dos escravos, esses contribuíram bem mais nas questões místicas.

De acordo com Silva (2011, p. 17), as crenças religiosas, mitos, ritos e religiões são definidos dentro de universos históricos, culturais e sociais, não aceitando, por exemplo, trabalhar com conceituações que só tem sentido na tradição cristã ou judaico-cristã, alertando, inclusive para o fato de que existe crença extra religiosa, sobretudo nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, o autor explica um fato inusitado de grande importância na religiosidade do povo nordestino, é que seus maiores ícones religiosos, não são santos consagrados pela igreja católica, como exemplo, podemos citar Padre Cícero e Frei Damião, ambos consagrados pela imaginação e devoção do povo, especialmente, do interior do Nordeste. As gigantescas estátuas de Padre Cícero na cidade de Juazeiro no Ceará e a de Frei Damião em Guarabira na Paraíba, atraem romeiros de toda região para pedir cura para seus males e agradecer os “milagres” já alcançados, são as duas maiores concentrações populares de cunho religioso existente no Nordeste, com destaque em todo país.

De acordo com Bezerra (2011), este catolicismo multifacetado, marca da religiosidade colonial é perpassada pela pluralidade refletida através de atividades devocionais coletivas e/ou individuais de caráter paralitúrgico, tais como: festas, procissões, novenas, entre outros. Um dos principais rituais devocionais praticados no Brasil desde período colonial é a penitência. O que é de fato constatado nas longas e estafantes romarias, em que alguns fiéis

acompanham com os pés descalços, materializando uma penitência de agradecimento ou de redenção dos pecados, alguns indo ao exagero de sua devoção, chegam a subir de joelhos, escadarias que dão acesso às famosas estátuas citadas.

A obra de Luiz Gonzaga sempre esteve presente nesse contexto, o mesmo chegou a fazer uma música em homenagem a Frei Damião e cita “Meu Padim Pade Ciço” em várias outras canções. (em um mural exposto no Santuário de Frei Damião em Guarabira/PB, encontra-se a música cantada por Luiz Rei do Baião homenageando o frei capuchinho). É um retrato do sertão, que revela grandes mistérios em pequenos detalhes, de um povo que busca no horizonte distante o motivo de sua existência.

Um sertão que era Ele e dele, a fonte e a foz de um riacho sem fim [...] Luiz Gonzaga é um raro pretexto para compreender qual o melhor caminho a seguir para um Nordeste que ele também ajudou a configurar. O Nordeste que criou para alimentá-la de poesia nosso imaginário, que ele mesmo começou a desvendar musicalmente na distância da migração. Gonzaga o revelou para o Brasil desde a década de 1940, como se quase nada a nação soubesse da região e do seu potencial de rico imaginário criativo.

Sua obra tornou claro aos brasileiros o grande sertão que se divide nos três Nordeste geográficos básicos: o sertão do agreste, o sertão do semiárido e o sertão da zona da mata. Sertões de brasileiros crioulos, caboclos, sertanejos, fadados a uma religiosidade propensa ao messianismo, como apontou Darcy Ribeiro. (CASCUDO, 2012, p. 8-9)

Para Cascudo, o cenário geográfico e social do sertão nordestino é a fonte inspiradora de Luiz Gonzaga, ao mesmo tempo em que se apoiou em uma realidade cruel em que vive milhões de brasileiros, para ele conterrâneos, para compor com algumas parcerias suas canções, retratou para toda a sociedade e para os governos, um quadro de lástima, que não se acredita existir em um país tão rico. E que mesmo dentro da região, é possível destacar vários Nordeste, com peculiaridades nas suas diferentes divisões.

3 A MÚSICA DE GONZAGA E A SECA NORDESTINA

As músicas analisadas nesse trabalho de monografia estão diretamente ligadas à questão da seca nordestina, foram inspiradas em fatos reais pelos quais passam milhões de pessoas que habitam o Semiárido da Região Nordeste do Brasil. Foi juntando as pequenas cenas desse nosso sertão, que assolado por longas e duradoras estiagens que Gonzagão formou grande parte de sua obra musical. Ao escutarmos a Asa Branca, passa um filme em nossas mentes, um filme triste que às vezes nos faz imaginar “*por que tamanha judiação*”. Na verdade os textos sobre essa temática poderia ser apenas escrito como mais um folheto da nossa abundante Literatura de Cordel, mas encontrou a genialidade de um artista nato que trazia de berço o dom musical, para alcançar maior amplitude na cultura popular, que inspirou grandes nomes da nossa MPB e foram motivos de crônicas de jornalistas e intelectuais da literatura acadêmica do nosso país.

Ritmados como baião e dançados como forró, não foi à toa, nem muito menos desprezioso, que os grandes sucessos musicais de Luiz Gonzaga cantassem a problemática da seca do sertão nordestino. Parafraseando Bráulio Tavares e Ivanildo Vila Nova¹², diria que se o hino de uma nação é uma música que representa as conquistas, ardores, sabores e juras de lealdade de um povo, a Asa Branca, sem dúvida, com sua forma melódica de exaltar os amores pela nossa terra e, as juras que asseguram a volta do filho querido ao seu querido torrão, seria o hino da “nação nordestina”.

Asa Branca

(Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga)

Quando olhei a terra ardendo
Qual a fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

¹² Compositores da música *Nordeste Independente*, que alcançou sucesso nacional interpretada por Elba Ramalho.

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu, meu coração

Na primeira estrofe, os compositores trazem à cena a festa de São João, maior manifestação cultural do Nordeste, simbolizada por uma fogueira ardente que se compara a terra querida quando das longas estiagens. Enfocando o lado religioso do povo nordestino que, diante de tanta judiação, reclama a Deus do céu, por que castigar um povo tão seguidor de seus princípios.

Dando prosseguimento, aponta à perda da plantação que seria a subsistência familiar, a seca é tão tirana que nem mesmo os animais sobrevivem nessa fornalha natural.

Aí vem o maior sinal da miséria anunciada, o voo da *Asa Branca*, quando não mais restar na copa das macambiras uma semente de flor para a garbosa ave beliscar, e igualmente, não existir um único *guaru* na lama grossa do filete de água no fundo do açude que ao homem lhe sirva de alimento, o pássaro bate assas do sertão. Da mesma forma, o homem desantenido imita a natureza do animal, porém deixa para trás sua amada, maximamente chamada de “viúva da seca”.

Em tempo de estiagem, era ela, sim, a pomba asa-branca, a última ave a deixar o sertão, o seu habitat e seu lugar natural, para emigrar de um cenário árido, voando retirante pela imensidão dos céus em busca de um pouco de água. Era o sinal derradeiro. E os curumbas, em procissão, logo saíam pelas estradas causticantes da fome, com a fé e a esperança de abraçar a sobrevivência. Mas era a asa branca que, olhando pro Norte, logo via o relâmpago cortando o céu, ouvia o ronco do trovão e sentia o cheiro de chuva. Era ela, a primeira a voltar ao sertão, e lá vinha de volta o sertanejo, alegre com a santa natureza. (QUEIROGA, 2012, p. 41)

O poema ritmado na música enfatiza que o nordestino só abandona suas terras no último “pau de arara”, pois isso, esse abandono não é do seu agrado, ocorre por motivo de força maior, que quando novamente a terra estiver molhada e aflorar os brotos de plantação, ele, felizmente, voltará, pois mesmo com toda dureza do eito e as constantes depredação do

seu trabalho no campo, isso lhe cativava mais do que a prisão a céu aberto em que estaria submetido a sobreviver em outras terras.

Por fim, compara a beleza de sua amada com a terra molhada e boa para se produzir, revelando seu desejo de permanecer na sua região da qual não saiu espontaneamente, foi empurrado por uma adversidade maior que sua existência, voltaria na inocência de que virão dias melhores.

A canção relata a seca agravada no Sertão, onde o compositor estabelece um elo de comparação das queimadas com a fogueira junina, que devastou a plantação. Também vincula tal estado à falta de chuva, que conseqüentemente gera escassez de águas nessa dada região, que culminou na morte do cavalo Alazão, uma espécie de tradicional na região.

Quando a letra se fala "Até mesmo a Asa branca bateu asa do sertão", significa dizer que a ave, que é sinônimo de esperança de chuvas, fugiu deixando certo tipo de "azar" à região com a falta de chuva.

A música também fala dos sentimentos do sertanejo por sua filha, Rosinha, que fica tristonho ao abandoná-la em buscas de melhoria de vida em outra região, prometendo voltar quando a chuva vier a cair.

Tido como hino do Sertão Nordestino, a melodia Asa Branco é um retrato fiel do homem sertanejo, que vivencia a seca e decide sair do Sertão em busca de melhoria de vida, deixando a terra e a família amada. (BARBOSA, 2012)¹³

A música **Triste Partida** foi escrita em 1960 por Patativa do Assaré, poeta popular que não gozava de formação escolar, aprendera a escrever pelo processo autodidata, dom natural manifestado em pessoas que possuem sensibilidade cultural. Relata a saga de uma família acometida por uma seca feroz, é um verdadeiro longa metragem, que encena o espaço geográfico em que ocorrem os fatos, a relação das pessoas em família diante da lástima vivida e o trajeto que percorrerão em meio aos acontecimentos. Nessa época o país vivia uma democracia burguesa, denominada política do *café com leite*, onde os governantes eram representantes das elites centralizadas no Sudeste do Brasil, especialmente, em São Paulo e Minas Gerais.

Diz que o homem faz experiências leigas que comprovam que nesse ano não vai chover, como: não ouvir, ao entardecer, o canto das cigarras, insetos das matas ralas de formação arbustivas, botar pedras de sal na varanda, para que as mesmas se derretam com a umidade, aparecer no céu uma barra (nuvem) em época de natal, por último, usando da sua crença peculiar, apela para São José, o santo querido, comemorado no dia 19 de março, nesse dia o agricultor nordestino espera chover. Quando nada disso ocorre, é hora de partir. Para partir, tem que abrir mão do que lhe resta, por isso vende por pouco dinheiro os combalidos animais e até o pedacinho de terra que vai acompanhado de uma tapera que lhe servia de morada. E o mundo social, que existe em volta lhe nega tudo, e a natureza que lhe mantém vivo, lhe passa um castigo: “a seca terrível que tudo devora lhe bota para fora da terra natal”. Desacostumados com outras terras, seus filhos choram a perda dos brinquedos, que de forma artesanal surgiam da criatividade nata de seres humanos quando vivem soltos sem ter para

¹³ Trecho disponível em <http://culturagonzaga.blogspot.com.br/2012/06/analise-da-musica-asa-branca.html>. Acesso em 06/02/2014.

onde ir, e por que não chorar pelo “pé de fulô”, regado com a escassa água que lhe lavavam os pés.

Finalmente chegam à cidade grande, ou melhor, dizendo, a maior do país, é um mundo diferente, onde se vive só no meio de tanta gente, as caras com que cruzam lhes reprovam sem nada dizer. Seguindo a sina de outros conterrâneos, encontra um patrão, trabalha anos e anos sem nada prosperar, “só vive devendo e assim vai sofrendo, é sofrer sem parar”. Triste são as recordações que chegam das bandas do Norte, sente a necessidade de voltar para a terra tão boa, quando se comparar ao entulho de gente em que vive sem nada avistar.

O imigrante nordestino que vive, em sua maioria, nas periferias dos grandes centros urbanos, especialmente da região Sudeste, amarga a triste rotina do trabalho braçal com remuneração mínima, porém legal, que é computada apenas para lhe manter sobrevivido e explorado pela dependência patronal. Que de cara, lucra com a mão de obra barata em suas construções. Os edifícios construídos por esses “cabeças chatas”, jamais lhes servirão de abrigo, talvez sejam discriminados ao simples gesto de olhar.

Seria essa saga um acontecimento impróprio às políticas sociais dos governos, ou é um esquema maléfico traçado pelo sistema comandado pelo “nosso” capitalismo selvagem? Até quando ficarão impunes por patrocinar um estado excludente, que banha de luxúria seus mandatários, e ao mesmo tempo, esmolam um filho seu? São perguntas implícitas na letra da música Triste Partida, até hoje sem respostas, mas que envergonha um país economicamente poderoso como o Brasil.

Conferimos, então, os traços analisados na canção entoada pelo velho Lula, na letra que transcrevemos a seguir:

Triste Partida

Patativa do Assaré

Meu Deus, meu Deus. . .

Setembro passou

Outubro e Novembro

Já tamo em Dezembro

Meu Deus, que é de nós,

Meu Deus, meu Deus

Assim fala o pobre

Do seco Nordeste

Com medo da peste

Da fome feroz

Ai, ai, ai, ai

A treze do mês

Ele fez experiência

Perdeu sua crença

Nas pedras de sal,

Meu Deus, meu Deus

Mas noutra esperança

Com gosto se agarra

Pensando na barra

Do alegre Natal

Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal

Porém barra não veio

O sol bem vermeio

Nasceu muito além

Meu Deus, meu Deus

Na copa da mata

Buzina a cigarra

Ninguém vê a barra

Pois a barra não tem

Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra

Descamba Janeiro,

Depois fevereiro

E o mesmo verão

Meu Deus, meu Deus

Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"
Ai, ai, ai, ai
Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai
Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a fãmia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai
Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
Ai, ai, ai, ai
E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro

Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai
Em um caminhão
Ele joga a fãmia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá
Ai, ai, ai, ai
O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai
No dia seguinte
Já tudo enfadado
E o carro embalado
Veloz a correr
Meu Deus, meu Deus
Tão triste, coitado
Falando saudoso
Seu filho choroso
Exclama a dizer
Ai, ai, ai, ai
De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Meu Deus, meu Deus
Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer
Ai, ai, ai, ai
E a linda pequena

Tremendo de medo
"Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?"
Meu Deus, meu Deus
Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou
Ai, ai, ai, ai
E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
Meu Deus, meu Deus
O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, ai, ai, ai
Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Meu Deus, meu Deus
Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão
Ai, ai, ai, ai
Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia voltar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode
Só vive devendo

E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai
Se alguma notícia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, meu Deus
Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as água nos óio
Começa a cair
Ai, ai, ai, ai
Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela famia
Não vorta mais não
Ai, ai, ai, ai
Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposto à garoa
À lama e o paú
Meu Deus, meu Deus
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul
Ai, ai, ai, ai

As letras das músicas interpretadas nesse trabalho revelam a verve do artista que foi Luiz Gonzaga, esses romances em forma de poema e de literatura de cordel, não alcançariam a popularidade se não fossem guiados por uma melodia animada ou emocionante e, principalmente, não tivessem o acompanhamento de sua endeusada sanfona, da qual ele sugava notas harmônicas, de forma genial, assim como faz o beija-flor, bicando a seiva da flor

na copa da Algaroba, que se mantem verde no árido clima do sertão.

Luiz nunca estudou música ou sanfona, trazia consigo a nata inspiração dos grandes nomes das artes, força natural ou espiritual de uma mística sabedoria popular. Estudiosos de sua trajetória musical como Queiroga, afirmam que desde o seu nascimento, ele trazia combinações astrais e de credos populares, que lhe traçava um caminho vitorioso. Na verdade, são contos regionais, mas sempre seguem um rastro de mitologia e história real.

Mais do que relacionadas à seca do Nordeste, as letras das músicas revelam a intenção do emérito cantador de protestar contra a miséria que, impiedosamente, assola seus conterrâneos, tendo ele vivido situação semelhante durante sua infância e juventude na cidade de Exu/PE. Essa tendência de cantar as coisas de sua terra, se justifica pela experiência que passou, sendo protagonista dessa maneira de reivindicar as melhorias das quais seu bravo povo nortista tem direito. Quem dançou as músicas do Luiz Rei, simplesmente pelo ritmo acalorado do baião, sem se aperceber da mensagem política trazida em seus conteúdos, na verdade, perdeu a oportunidade de ter colaborado com a transformação do campo tórrido que leva ao desfalecimento, de homens e bichos.

Hoje assistimos que até orquestras sinfônicas adaptam a música matuta de Gonzaga ao seu repertório clássico, quando não é preciso letras para que possamos ler e entender o conteúdo transmitido por notas maestras. Pois a poesia do sanfoneiro de Exu, filho de Seu Januário dos oito baixos, se propagava pela imaginação de um povo carente de ídolos que representasse seus anseios e sua indignação da maneira mais expressiva de como ela é.

Ao reverenciar Luiz Gonzaga, deixamos como rastro luminoso à memória já tão imaginosa da cultura nordestina uma amostra que enfatiza a grande influência e inspiração que Mestre Lua exerce sobre a obra de tantos e tão extraordinários artistas de várias regiões do país.

Luiz Gonzaga, o cantor do exílio e dos migrantes nordestinos que se espalharam além do Nordeste, fugindo da fome, da seca e da exploração no trabalho, não é só um dos grandes intérpretes e compositores da música popular brasileira. O Rei do Baião reinou também com o xote, o xaxado e todos os ritmos que ele ajudou a criar com uma rica poética, traduzidas junto aos seus muito parceiros. Gonzaga é também um herói popular, um ícone de seu povo nordestino que ele como ninguém retratou com verdade, originalidade e muita beleza.

(...)

Os mais jovens pouco sabem dos desdobramentos comportamentais e musicais provocado por Gonzaga quando assume o *mix* da roupa de vaqueiro e cangaceiro, quando cria um tipo nordestino emblemático ou quando, juntamente com o primeiro parceiro Humberto Teixeira, lança, no final dos anos de 1940, a música “Baião”. Seria o manifesto de um movimento cultural que recriava os ritmos e a poética do Nordeste, traduzindo-os para a cena cultural urbana do Rio de Janeiro e São Paulo, onde se concentrava a grande leva de migrantes nordestinos. São esses migrantes que vão disseminar os inúmeros sucessos lançados principalmente nos anos de 1950 e que fazem de Gonzaga um fenômeno fonográfico e um dos maiores vendedores de discos daquela década.

(...)

Qual Nordeste, denso e complexo, doador e carente, envolto na mística cega de fê e na lida da arte embrenhada na vida, é o sertão de Gonzaga, que, em si, já é diversos e geniais Gonzagas?

A partir de sua música, muitas vezes triste, tantas vezes alegre e sempre bela, criou

ambiências culturais e espirituais as mais imaginosas para o paraíso possível em meio às *Vidas Secas* de um inferno terreal. (CASCUDO, 2012, p. 7)

Corroboramos das ideias do autor quando apresenta fases importantes na carreira de Gonzaga, traça um perfil de um ícone e o compromisso, sem juras, de defender seu povo através de sua música. Assume ainda a figura do vaqueiro e do cangaceiro, elementos pitorescos e controversos da região Nordeste, sem medo de gerar polêmicas sobre a interpretação desses trajes, por pessoas de outros lugares, que já se sabia, tinham um olhar pejorativo para com os chamados de “caba da peste”, não hesitou em se apresentar vestido a caráter, estaria ele mostrando o que sua terra tem. Comprovando sua autenticidade de cancionista popular sertanejo, com coragem de desafiar os costumes urbanos dos grandes centros, que na época fingia ignorar a cultura peculiar do nordeste, para isso teria a ajuda de milhares de imigrantes nordestinos que, fugindo da seca e da fome, penavam nas grandes cidades.

Correu o risco de ficar isolado como um cantador de sua pequena gente, tentaram transformar Luiz Gonzaga em um sanfoneiro matuto que simbolizava os condenados aos confins da terra seca e aos guetos e morros do Rio de Janeiro e São Paulo. Para Cascudo, Luiz Gonzaga quebrou essas barreiras, chocou os costumes modistas, que na época embalavam através das rádios, os bares, cabarés e salões de festas com baladas românticas. Insistiu no seu estilo musical, que trouxera de berço e de sua terra natal, foi conquistando parceiros e seguidores do seu repertório, para logo conquistar o Brasil, e até fama internacional, tornando-se o Rei do Baião, ritmo que iria dar o tom de suas músicas e que mais tardes serviria de modelo para outros artistas do Brasil inteiro.

Gonzaga se consagrou com seu autêntico dom musical, sua sanfona e seu chapéu de couro, mostrando aos brasileiros que é possível crescer e vencer na vida, pela estrada da verdade e honestidade. Reafirmando que o homem tem que ser agente transformador do seu tempo, atacar com firmeza os obstáculos que surgem na frente, e nunca abrir mão dos seus ideais. É uma lição de vida, que serve de exemplo para toda uma nação, a coragem que teve de nunca negar suas origens, e até propositadamente, não negar o modo de falar dos seus conterrâneos, que encravados na caatinga do sertão, acabam criando dialetos próprios, “explicáveis por linguísticas” apesar da controvérsia gramatical do nosso idioma clássico. Quando Gonzagão exclamou em cantoria: “*Inté mermo a Asa Branca / bateu asas do sertão / entonce eu disse adeus Rosinha / guarda contigo meu coração*”. Estava direcionando suas canções para os camponeses e, ao mesmo tempo, denunciando, aos burgueses, que aqui nessa terra tem gente que fala assim, com a consciência de que muito lhes negaram inclusive uma educação cidadã.

3.1 O Processo Metodológico

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de caráter qualitativo, baseada em objeto textual, discorrido em músicas cantadas por Luiz Gonzaga, mantendo a originalidade da escrita que considera a linguagem coloquial, no caso, do interior da região Nordeste do Brasil. Teve como objetivo destacar aspectos da cultura, religiosidade, imaginário popular e, sobretudo, a vida real de um povo cometido pelo fenômeno geográfico da seca. Foi considerada ainda, a relação dos textos musicais com festejos regionais, em especial, os festejos juninos, tradição cultural e religiosa que se destaca no território brasileiro, especificamente no Nordeste. A vida e os costumes do homem do campo, com seus percalços e desafios diários pela sobrevivência, motivou parte da obra gonzaguiana, como também serviu de inspiração para escreve esse trabalho de monografia. As músicas entoadas na voz de Luiz Gonzaga, na verdade são textos artísticos, da literatura popular, que retratam uma realidade vivida por milhões de pessoas que habitam o interior nordestino.

O processo metodológico desse estudo baseou-se na análise de conteúdo das letras das músicas: Asa Branca, A Triste Partida, A volta da Asa Branca, Súplica Cearense e Último Pau de Arara. Essas músicas foram selecionadas pelo conteúdo de suas letras que fazem referência ao fenômeno da seca do Nordeste e abordam questões culturais típicas do sertão da região. Essa análise levou também em consideração as conotações históricas e políticas buscando em fatos históricos explicar a disparidade de desenvolvimento entre a região Nordeste em relação às outras regiões do Brasil.

O Nordeste desde o período colonial brasileiro foi marcado com um nível de subdesenvolvimento mais agravante do que a média presenciada no resto do país. Nesse período histórico o Nordeste foi escolhido para implantar a produção da monocultura da cana de açúcar com o uso da mão de obra escrava, esse modelo de produção mesmo não existindo mais, deixou raízes do atraso e exploração do povo trabalhador, fatos que também motivou o desenvolvimento do estudo, e esclarece melhor o conteúdo das mensagens políticas das músicas e estabelece a relação entre a seca, à história e o povo nordestino.

A análise do conteúdo dos textos musicados, quanto à linguagem, revela a presença do coloquialismo, um registro da variação regional da língua, que também proporcionou algumas rimas nos versos, favorecendo a musicalidade e simplificando a compreensão. Quanto à análise do discurso, a interpretação das letras das músicas analisadas nessa pesquisa, conduz a uma interpretação crítica dessas canções, quem as ouve, após esse estudo transcende o senso comum, passando a perceber elementos significativos não percebidos antes, como as denúncias do descaso governamental em combater, não a seca, e sim o flagelo gerado por ela, o grito oprimido nos retirantes da seca, a confissão ingênua da fé divina e o lirismo presente nos sonhos do povo sertanejo.

Só um ser dotado de visões místicas e coroado rei pelo imaginário popular, poderia transformar os ritmos de baião e forró, repertório apropriado para festas pitorescas regionais, em desabafo de um povo sofrido, que Seu Luiz Rei do Baião não apenas conhecia, mas viveu essa realidade e em sua trajetória artística de sucesso, nunca negou sua origem.

3.2 Analisando as letras das músicas cantadas por Luiz Gonzaga

Ao aprofundar o estudo sobre o conteúdo das letras das músicas cantadas por Luiz

Gonzaga, encontramos temáticas explícitas e ocultas sobre questões de ordem política e social. Na época em que as letras foram escritas, décadas de 1950 e 60, o Brasil vivia um quadro de instabilidade política, que logo após foi implantado um regime de ditadura militar no país. Esse fato histórico não serviu de inspiração para Luiz e seus parceiros, que explicitamente, se basearam na situação social do povo nordestino atingido pela seca terrível que tudo devora, relatam cenas reais de um ambiente hostil para a sobrevivência de seus conterrâneos.

Os parceiros de Luiz, citados no capítulo anterior, também eram pessoas que viviam e sentiam na pele a problemática da seca da região que habitavam, se identificavam com o povo que Gonzaga teimava em defender e exaltar em suas canções. Eram escritores populares que viram na voz do Rei do Baião, o canal de comunicação que precisavam ter para expor suas ideias e divulgar os escritos populares, equivalentes à Literatura de Cordel. Inicialmente direcionada aos nordestinos, que sempre buscaram formas de manifestar suas inquietações, principalmente o flagelo por eles vivido na severina vida do árido sertão. Mas se constata também, a intenção de ecoar por todo país a realidade de um povo que esses compositores julgavam sofrer injustiça de uma nação tão rica. Visto que, nessa época, o país já despontava como uma economia promissora, principalmente por suas gigantescas áreas apropriada para a exploração de produtos agropecuários que o mundo tanto necessitava.

Na verdade, as músicas pesquisadas vieram descortinar uma parte do Brasil pobre, que o Brasil rico discriminava e até hoje discrimina, e expor para o país e para o mundo uma áreas denominada de polígono das secas, onde vivem na miséria milhões de brasileiros.

O IMAGINÁRIO DE REI é uma mostra que se rende ao reino encantado sertanejo que Gonzaga auxiliou a instalar no país, reinventando o Nordeste, colocando-o como protagonista cultural e fazendo isso de forma ímpar, para sempre firmado no imaginário dos brasileiros.

Por sua obra, o Brasil sabe muito mais sobre o sertão agreste e misterioso que está sempre dentro de nós, como queria Guimarães Rosa. Um sertão que é, de todo, gonzaguiano. Aprendemos, assim, com o Rei, a amar um outro Nordeste que ele criou com dignidade na denúncia, renovação na linguagem, generosidade na festa, compassivo na dor e farto na alegria. [...]

Qual Nordeste, denso e complexo, doador e carente, envolto na miséria cega da fé e na lida da arte embrenhada na vida, é o sertão de Gonzaga, que, em si, já é diversos e geniais Gonzagas?

A partir de sua música, muitas vezes tristes, tantas vezes alegre e sempre bela, criou ambiência culturais e espirituais as mais imaginosas, para o paraíso possível de meio às Vidas Secas de um inferno terreal. (GIL, *In*. FONTELES, 2012 p. 8)

A explanação relata a visão política oculta nas músicas cantadas pelo Rei do Baião, o que em uma primeira tomada apresenta-se como uma música regional boa para animar as festas juninas, em suas entrelinhas traz também uma profunda crítica direcionada a toda uma sociedade, questionando qual Nordeste é o real e o que de real se faz para resolver os problemas do Nordeste. Transmitia em suas canções uma farta alegria para embalar as festas, mas o objetivo principal era denunciar a cegueira governamental para com a problemática das vidas secas, que buscavam na fé religiosa o acalanto meramente fictício em um ambiente infernal.

Gonzagão não se confrontou diretamente com o sistema político ditatorial, implantado de forma antidemocrática no Brasil naquela época. Por sua história de vida, não tinha visão de compor um segmento cultural de embate aos governantes da sua geração, certamente por sabedoria, as letras das músicas que cantava, diretamente não traziam exposta uma configurada oposição ao sistema. Ao mesmo tempo ele sabia que o fato de cantar a saga de sua gente, já seria uma grande ação de combate a todo um sistema e, não só ao político, pois claramente relata em suas canções fatos como: a compra da terrinha do homem do campo por grandes fazendeiros e que por trás disso, tinha sempre um governo que explorava os trabalhadores em prol dos seus ricos aliados. Cita ainda em uma de suas músicas a palavra *escravo*, o que para nós confirma sua intenção de protestar, ninguém usaria a palavra escravo em uma música sem saber a profundidade de uma fase histórica do nosso país, que teve no Nordeste seu primeiro e grande reduto, com a produção da cana de açúcar usando a mão de obras de povos escravizados do continente africano. Sua mensagem social denunciava o Nordeste compassivo na dor, na vergonha e na injustiça da partilha do grande bolo da nossa economia, que só sobra aos nordestinos uma fina fatia com gosto aguado de esmola. Cascudo, em um dos seus artigos sobre o flagelo do homem sertanejo nordestino sertanejo relata: “nenhum discurso de nenhum político brasileiro, realmente, defendeu o Nordeste como as músicas de seu Luiz”. Não é preciso jogar pedras para ferir a alma insana dos governos que usufruíram das riquezas desse país, basta mostrar as reais condições desumanas em que vive a maior parte do povo, foi isso que fez Luiz Gonzaga, colocando acima do seu próprio sucesso a defesa do seu povo, até se importou pouco com sua carreira, com a fortuna que astros da música sempre fazem, pesquisas apontam que ele não construiu grande acúmulo de patrimônio, mas sua riqueza era nítida, era alimentada com a adoração popular, que ultrapassou as fronteiras nordestinas e até brasileiras. Só não abriu mão de seguir cantando as mágoas e alegrias daqueles que viviam na dura lida de ser sertanejo assim como ele era.

Na música *A volta da Asa Branca* de sua própria autoria, Luiz comprova o ciclo de ideias. Constata-se que nada foi por acaso, construiu-se um leque de conteúdos interligados que foram arquitetando os pilares da sua gigantesca obra musicais. A música em específico analisada nesse período textual revela que a migração campo/cidade é compulsória, sendo uma adversidade intempestiva alheia a sua vontade e maior do que seu limite de sobrevivência. Confirma cantando “*a seca fez, eu dissertar da minha terra*”. Ao mesmo tempo em que ao perceber a chuva cair de novo no sertão e novamente o verde dos olhos da Rosinha se espalhar na plantação ele voltará. Fato que se confirma pela volta da ave Asa Branca, que inspira as duas canções: *Asa Branca* e *A volta da Asa Branca*. Assim como o fez desistir de lutar no sertão sofredor e migrar para os grandes centros, também o fará retornar para a terra natal.

No mundo as migrações são motivadas por vários fatores: religiosos, políticos, guerras, catástrofes naturais, sociais e econômicas. No caso em análise, seria um conjunto de fatores, catástrofe natural, questões socioeconômicas que remontam às questões políticas. Pois a saída do homem do campo de suas terras, provavelmente seria minimizada se houvesse uma política pública com real objetivo de combater, não a seca, mas os efeitos da seca sobre o homem do sertão nordestino, o que até hoje estamos esperando se efetivar, mesmo tendo Gonzaga jogado na cara dos governantes brasileiros a dura e vergonhosa realidade do flagelo

das secas em nosso país.

A volta da Asa Branca

Luiz Gonzaga

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da prantação

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador

Rios correndo

As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza

Sentindo a chuva
Eu me arrescordo de Rosinha
A linda flor
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.

Na análise do texto musical de *A volta da Asa Branca*, constata-se outra questão que comprova a migração forçada do homem do campo nordestino para as grandes cidades, é que ele nunca se sente bem nesses centros urbanos, às vezes é alvo de xenofobia, no sentido mais intencional da palavra. Pessoas já foram excluídas de eventos pelo fato de serem nordestinas, pro isso a volta da Asa Branca ao sertão traz de volta também o sertanejo.

Por isso é salutar mencionar mais uma vez a necessidade de se implantar uma Educação do Campo, com base na formação do indivíduo da própria região para serem agentes transformadores de sua realidade. Com o objetivo de criar no campo um ambiente propício ao bem estar de sua família e, ainda adequar as áreas rurais brasileiras em áreas de produção e socialização.

Fica claro também, que Luiz Gonzaga não abria mão de colocar em suas canções passagens românticas e engraçadas, para com isso, cativar a alegria do povo matuto que lhe era consagrador. Relata fatos como casamento, a boa safra, que é motivo de festa em sua região. Esse lado festivo como fragmento de um texto muito sério e às vezes triste, revela que o sertanejo é gente e, como tal, teria direito a se divertir com festejos originais de sua cultura.

Percebemos constantemente essa relação que as letras de suas canções fazem, em outra passagem textual da Asa Branca, compara “a terra ardendo qual fogueira de São João”, mais uma alusão aos festejos de sua gente, com vida amarga vivida por eles. É uma forte mensagem de Luiz, meu povo gostaria de viver bem em sua terra, senhores desse país tropical, olhem para os que vivem em clima diferente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as etapas desse Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares visa o aprofundamento dos estudos sobre a Seca do Nordeste do Brasil, partindo das palavras-chave do trabalho, deciframos detalhadamente assuntos relacionados ao tema central, como **Gonzaga**, que já “emprestou” sua obra musical para outros trabalhos, até, de maior envergadura científica, como tese de doutorado, e foi inspiração para a carreira artística de inúmeros cantores da nossa MPB.

De acordo com Gilberto Gil, por meio de uma série responsável de projetos musicais, literários e museológicos, ao longo das últimas décadas, vamos vendo se consolidar a memória do Rei do Baião, no grau de importância, abrangência e profundidade que ele merece e carece ter entre nós. Gil ressalta ainda o reconhecimento dos canais de comunicação e trabalhos jornalísticos, que montaram um enorme acervo cultural com a vida e a obra do maior artista popular do Nordeste. Foi um criador da arte original sobre a vida e a cultura do seu tempo. Sua música, inicialmente regional, ultrapassou as fronteiras nordestinas e brasileiras. Certa vez, o próprio Gonzagão declarou “*eu gostaria de ter um prefixo, assim como um aboio [...] eu senti que boiadeiro não marcava uma região, que era uma canção que podia ser cantada no Brasil inteiro como sendo sua e eu então achei que boiadeiro se prestava a isso e aplique ali um aboio...*”. Na Literatura de Cordel, as histórias sobre a vida do Rei provavelmente devem ter sido o mote de maior exploração desse gênero literário, que grafa sobre coisas sérias de uma maneira engraçada, alguns desses folhetos podem ser lidos em ritmo de toada ou martelo agalopado, tornando a exposição do cordel uma verdadeira roda musical com uma animação característica da cultura popular. De acordo com Chico Buarque “*para um coração mesquinho / contra a solidão agreste / Luiz Gonzaga é tiro certo*”. E assim a música “matuta” do Luiz, ia navegando nas mentes intelectuais de nossos mais afinados compositores, escritores, pintores, artistas plásticos, artesãos e pesquisadores culturais. Fatos que nos deixam, até agora, sem entender direito de onde vem a gigantesca amplitude do sucesso alcançado pela música de Gonzagão. Acalanta-nos para tal indagação a figura do **mito** que revelaremos a seguir. Chegando a nos induzir, com ressalva aos exageros, compará-lo a Ludwig Van Beethoven, alemão considerado o maior compositor clássico de todos os tempos. Se Beethoven fez o mundo ouvir a música instrumental partiturada cientificamente, a **música** do filho de Januário dos oito baixos fez o nordestino pensar melhor e os governantes sentirem vergonha da incapacidade de, pelo menos, amenizar o quadro de miséria em que vivem milhões de brasileiros.

O mito se concretiza na necessidade do homem em procurar um suporte para suas felicidades e angústias, e se faz abstrato na imaginação humana, o mito quando estudado vivo, não é explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social e mesmo a exigência prática. A figura mitológica é indispensável para o viver humano, impõe princípios morais, a diversão e devoção dos ritos e oferece regras práticas para a orientação do homem. Longe de ser uma fábula vã, o mito é uma encenação da vida real, expressão fiel da humanidade, em seu maior estado natural, ou seja, não precisa o homem ser letrado ou dotado de sabedoria científica para adorar um mito.

Torna-se inevitável, com base nessa teoria, declarar como uma figura mística do imaginário popular brasileiro o nosso onipotente Luiz Gonzaga.

Nas histórias dos sertões transcorremos nesse trabalho sobre fatos sociais de grande relevância para a estrutura populacional do Brasil. Mas o êxodo rural merece um destaque a parte, é a consequência mais terrível dos períodos prolongados de estiagem no sertão nordestino, que provoca fenômenos demográficos de desestruturação da população, tanto no local de saída, o campo, como no local de chegada, a cidade. Ambas as localidades são afetadas negativamente por esse processo compulsório de migração, ficou claro que já existe no interior da região Nordeste o início de uma desertificação, em um território maior que muitos países, o Brasil, por descaso, estará perdendo um vasto território, que quando irrigado, “*em si plantando, tudo dar*”. Talvez por ignorância, ou maldade das piores, abandonar o nordestino para ele assim cantar de dor. Nas cidades grandes, os efeitos do êxodo rural são desastrosos, o crescimento desordenado das áreas urbanas e habitações subumanas penduradas nos morros, que deveriam estar protegido por vegetação nativa e, certamente, embelezariam as cidades. Mas revelam em uma só foto os três “brasis”: o que tem colher de prata, o que como com a mão e o que não come, essa é a cara da cara da nação.

O uso e a exploração da força de trabalho dos imigrantes internos no Brasil, pelo capital especulativo para construir sua riqueza, em detrimento de seres humanos compatriotas, denota uma degradação da humanidade. É o caso das pessoas que fogem da seca e da fome nos campos nordestinos, que são vítimas de um sistema capitalista selvagem, protegido por um governo condescendente com essa situação de lástima. Chegamos a crer que o flagelo humano na região do Polígono das Secas, fosse coisa do passado, mesmo recente, mas não é, relatos dos noticiários apontam o ano de 2013 como tendo ocorrido a mais perversa seca nunca antes registrada na história desse país. E, já que citamos a Literatura Popular, vamos assim protestar com essa cantiga de viola:

Entra ano e sai ano e nada vem O sertão continua ao Deus dará

Ivanildo

Sertanejo não tem mais por quem chame
Não terá como nunca teve antes
Porque todos os seus representantes
São barões e filhinhos de madames
Passeando em Brasília e em Miami
Ipanema, Gramado e Guarujá

Muito longe do voo do carcará
Tão distantes da sombra do moquém
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Geraldo
Todo ano os recursos são criados
Pra salvar o nordeste brasileiro
Mas, ninguém ver a cor desse dinheiro
Muito menos os pobres flagelados
Os bilhões e bilhões são desviados
Com farinha, feijão, arroz e chá
Fica tudo nas mãos de marajá
Prefeitura galpão e armazém
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Ivanildo
Quando a seca esturrica o meu sertão
O problema se torna mais sinistro
O governo despacha algum ministro
Para vir conhecer a região
Ele vê a miséria de avião
Faz promessa discurso e Blá! Blá! Blá!
Garantindo recursos que não há
Prometendo o dinheiro que não tem
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Geraldo
Essa tal emergência é uma piada
Que humilha e ofende o camponês
Condenado a lutar de seis a seis
Transformado em cossaco de estrada
Obrigado a trocar a sua enxada
Por um carro de mão e uma pá
E o salário no fim do mês não dá
Pra comer rapadura com xerém
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Ivanildo
Assim vive o sertão com sua gente
Sofredora, oprimida e infeliz
Se mudando pra o sul desse país
E desejando o nordeste independente
Enganando o jejum com aguardente
Mastigando um pedaço de preá
Combatendo os espinhos de juá
Embalado na música do vem-vem
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Geraldo
*Ivanildo Villanova e Geraldo Amâncio*¹⁴

É preciso que alguém se manifeste
E apareça um sujeito de coragem
Pra poder desmanchar a engrenagem
Que impede o progresso do nordeste
Ou, então o sertão cabra-da- peste
Qualquer dia não mais aguentará
Expulsando os políticos ruins de lá
Que votar em corrupto não convém
Entra ano e sai ano e nada vem

O sertão continua ao Deus dará

Ivanildo
Afinal, sertanejo nordestino
Pra o Brasil é somente mão de obra
Coisa ruim pra ele tem de sobra
Não consegue mudar o seu destino
Aguardando um milagre do divino
Ou, um outro Getúlio ou JK
Apegado à promessa e patuá
E invocando os espíritos do além
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Geraldo
No sertão quando é tempo de eleição
Os políticos se mandam de Brasília
Deixam lá as mansões e a família
Para vir pedir voto no sertão
Inventando pra tudo solução
Sustentando que nada faltará
Quando passa eleição somem de lá
Nunca mais dão notícia a seu ninguém
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

Ivanildo
É difícil um ministro senador
Calcular quanto vale um sertanejo
Para uns é apenas um despejo
Elemento volúvel sem valor
No sertão nunca chega um salvador
Quando chega é algum Ali Babá
E os quarenta ladrões de Bagdá
Se transforma em sessenta, oitenta e cem
Entra ano e sai ano e nada vem
O sertão continua ao Deus dará

¹⁴ Disponível em <http://decantodepoetas.blogspot.com.br/2013/01/entra-ano-e-sai-ano-e-nada-vem-o-sertao.html>. Acesso em 20/04/14.

Finalmente, temos que render elogios a uma boa parcela de verdadeiros mestres acadêmicos deste país que se dispuseram, pensaram e teorizaram uma Educação do Campo, que, não resta dúvida, é uma alternativa de desenvolvimento para o espaço agrário brasileiro, propondo transformar os homens curumbas em sujeitos de sua própria evolução técnica e cultural, passariam a ser agentes gestores das riquezas por eles produzidas. Esse modelo pedagógico formará uma nova política social sustentada para o bem viver das populações que habitam o meio rural brasileiro, mas que não usufruem de suas próprias riquezas. O investimento para pôr em prática esse projeto pedagógico de Educação do Campo seria plenamente viável para um país de grande economia como o Brasil.

Mas, por que isto não acontece? Tudo nos leva a crer na existência de asseclas do esquema capitalista do agronegócio que detém o poder político desse país, que não vislumbra a possibilidade de que o trabalhador do campo possa viver no nível social e econômico de sua própria produtividade. Mas estamos falando de um poder democrático, que emana do povo. Emana mas não demanda as ações sociais de direito desse povo.

Como educadores, mesmo que das áreas urbanas, nos resta somar valores às lutas das organizações sociais, em todos os níveis de comunidade, para alcançarmos à práxis do projeto de Educação do Campo.

Um educador do povo do campo precisa se envolver nesta luta, estar à frente desta luta; precisa provocar o debate na sociedade sobre como garantir o acesso das famílias do campo às diversas formas de educação que assegure seu desenvolvimento pleno; precisa participar de mobilizações que exijam dos governos que o campo retorne à agenda das políticas públicas. Entre outras tantas questões, precisa também ajudar a produzir a cultura do direito à escola entre os diferentes grupos que compõem o povo do campo. Romper o círculo vicioso de que se estuda para sair do campo e ou se sai do campo para estudar... (CALDART, 2002, p. 131)

Esse trabalho monográfico teve como objetivo estudar o fenômeno da seca do Nordeste do Brasil, através da análise de letras de músicas cantadas por Luiz Gonzaga. Revelou a importância de se explorar a música, não só como elemento cultural, mas sim como componente curricular relacionado à Geografia.

Essa pesquisa contribuiu com um grande ensinamento, que mesmo no universo distorcido dos nossos estudantes na rede estadual de ensino, é possível produzir valores sociais que possam colaborar com a formação cidadã desses jovens e adultos.

Certamente que essa pesquisa não conclui as informações e aprendizagem sobre o tema e o método adotado, ela pode ser aprofundada e inovada, mas deixou grandes ensinamentos e também realçou dúvidas se não poderíamos ter ido mais adiante com estudos e pesquisas de maior embasamento, como por exemplo, visitar o Museu Asa Branca e entrevistar familiares e pessoas que viveram com o Rei do Baião. Mas as condições de trabalhos não nos permitem tirar pelo menos alguns dias sem ministrar aulas em duas escolas públicas das redes estadual e municipal na Paraíba. Tudo que colhemos foi dos textos musicais e de livros, artigos, teses e documentários sobre a relação das músicas de Luiz Gonzaga com a seca nordestina. É claro que o contato com o mundo em que ele viveu nos daria maiores informações e argumentos para o desenvolvimento desse trabalho.

Evidentemente que, mesmo com a amplitude da pesquisa para a realização do trabalho ter sido limitada, me deslumbrei ainda mais com a obra musical do mito Luiz Gonzaga (Rei do Baião). Tenho a certeza também de que concretizamos um método inovador de estudos sobre a seca do Nordeste, tema dos mais importantes para o desenvolvimento equitativo da sociedade brasileira. Procurarei manter essa linha de ensinamentos, com aspectos culturais e atrativos para nosso alunado, e guardarei novos aprendizados que ao longo do trabalho pude perceber. Exemplificando-se na teimosia de Gonzagão, concluo dizendo: O Brasil sempre terá seca e assecas, até mesmo, fora do Nordeste, mas também sempre surgirão *reis do baião*, a descortinar e lançar luzes na esperança do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALGARVES, José Luís. **Educação e Diversidade**. Recife: Soler, s.d.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; FREITAS, Rogério. **O pensamento mítico**. Disponível em <http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/antropos/mito.pdf>. Acesso em 10/02/14.

BARBOSA, Ayrton. **Análise da música "asa branca"**. Trecho disponível em <http://culturagonzaga.blogspot.com.br/2012/06/analise-da-musica-asa-branca.html>. Acesso em 06/02/2014.

BARRETO, José Ricardo Paes; LAPENDA, Ana Lúcia ; SETE, Nilza Maria Nunes. **A Missa do Vaqueiro: uma abordagem cultural**. Recife: Apipucos, 1990.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol I. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 42.
ECO, Umberto. **Baudolino**. 6. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

CALDART, Roseli Salet. **Uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção**. In. Por uma educação do campo. Nº 4, 2 ed. Brasília: [s.n.], 2002.

ELIADE, Mircea, **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais**. In: MOLINA, Mônica Castagna. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. Disponível em: <http://educampoparaense.org/revistamare/sites/default/files/files/Resumo%20%20FERNANDES.pdf>. Acesso em 03/02/2014.

FONTELES, Bené (ed). **O imaginário do rei: visões do universo de Luiz Gonzaga**. Ano Luiz Gonzaga 100 anos de nascimento do Rei do Baião. Brasília: Funarte, 2012.

GUEDES, Ivonete Coriolando. **De Cabral a Collor: o povo brasileiro e suas manifestações sociais**. João Pessoa: Mídia Gráfica, 2013.

LUCCI, Elian Alabi. BRANCO, Anselmo Lazaro. MENDONÇA, Cláudio. **Território e Sociedade no mundo globalizado**. Vol. Único. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 363.

QUEIROGA, Onaldo Rocha de. **Baião em crônicas**. Recife: Prazer de ler, 2012.

RASIA, Adalgisa (Org.). **Concepção e Fundamentos da Educação do Campo**. João Pessoa: Gráfica União, 2012.

REZENDE, J.A. **Atividades lúdicas selecionadas na terapêutica da Ansiedade para Deficientes Auditivos.** Texto disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Atividade_l%C3%BAdica. Acesso em 26/04/14.

RUBERT, Gabriela Cristina Maceda. **Religiosidade Popular e Imagens:** um estudo sobre a formação dos altares domésticos. Paraná. Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Unioeste. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Gabriela%20Cristina%20Maceda%20Rubert.pdf>. Acesso em 07/02/14.

SILVA, Wagner Augusto da. **Geografia do Brasil e Geral: povos e territórios.** São Paulo: Escala Educacional, 2005, p. 67.

SILVA, Valter Alves da; BRANDÃO, Rose Mary Araújo. **Educação do Campo: uma prática possível.** In. Mundo Jovem: um jornal de ideias. Nº 438. Porto Alegre: PUCRS, 2013, p. 15.

VESENTINI, José William. **Brasil: Sociedade e Espaço.** 7. Ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 231 e 317.

VILLANOVA, Ivanildo; AMÂNCIO, Geraldo. **Entra ano e sai ano e nada vem O sertão continua ao Deus dará.** Disponível em <http://decantodepoetas.blogspot.com.br/2013/01/entra-ano-e-sai-ano-e-nada-vem-o-sertao.html>. Acesso em 20/04/14.

FILMOGRAFIA

GONZAGA - de Pai pra Filho. Direção: Breno Silveira, Texto: Patrícia Andrade. Globo Filmes, 2013, 1 DVD.

O NOME da Rosa. Direção: Jean-Jacques Annaud, Produção: Bernd Eichinger. Frankfurt (DE): Constantin Film, 1986, 1 DVD.